

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE VETERINÁRIA**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**EM**  
**MEDICINA VETERINÁRIA**

**DISSERTAÇÃO**

**Classe de socialização para filhotes de cão  
doméstico**

**Cláudia Martins Serra**

**2005**

636.70887

S487c

T

Serra, Cláudia Martins, 1968-  
Classe de socialização para  
filhotes de cão doméstico / Cláudia  
Martins Serra. - 2005.

89f. : il.

Orientador: João Telhado  
Pereira.

Dissertação (mestrado) -  
Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro, Instituto de  
Veterinária.

Bibliografia: f. 54-55.

1. Cão - Filhotes - Teses. 2.  
Cão - Comportamento -m Teses. 3.  
Comportamento social dos animais -  
teses. I. Pereira, João Telhado,  
1960-. II. Universidade Federal  
Rural do Rio de Janeiro. Instituto  
de Veterinária. III. Título.

Bibliotecário: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE VETERINÁRIA**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA**

**CLASSE DE SOCIALIZAÇÃO PARA FILHOTES DE CÃO**  
**DOMÉSTICO**

**Cláudia Martins Serra**

*Sob a Orientação do Professor*

**João Telhado Pereira**

Tese submetida como requisito parcial  
para a obtenção do grau de **Magister**  
**Scientiae** pelo Curso de Pós-Graduação  
em Medicina Veterinária, área de  
concentração em Clínica Médica.

**Seropédica, RJ**  
**Setembro de 2005**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE VETERINÁRIA**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CLÍNICA MÉDICA DE**  
**PEQUENOS ANIMAIS**

CLÁUDIA MARTINS SERRA

Dissertação/Tese submetida ao Curso de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, área de Concentração em Clínica Médica de Pequenos Animais, como requisito parcial para obtenção do grau de **Magister Scientiae**, em Ciências Veterinárias.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 21 DE SETEMBRO DE 2005.

---

Prof. Dr. João Telhado Pereira – UFRRJ  
(Orientador)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Norma Vollmer Labarthe - UFF

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita Leal Paixão – UFF

À minha avó **Carmem**, (*in memoriam*)  
Pela sua alegria de viver e por me fazer acreditar que  
amanhã sempre será um dia melhor.

Aos meus **pais**,

Por terem sempre me incentivado a fazer o  
que gosto, e a ser determinada em meus objetivos.

Ao **Paulo**, meu marido, pelo carinho,  
paciência, apoio e amor demonstrado nas horas  
mais difíceis.

Ao meu orientador **João Telhado**,

Por ter acreditado e me incentivado neste projeto.

Por ter sempre, nas horas mais difíceis,  
uma palavra amiga e com bom humor.

Por sua enorme paciência e por muito mais.

Tenho grande admiração por você.

Foi e sempre será uma honra trabalhar  
com o professor e “amigo” João Telhado.

## AGRADECIMENTOS

À amiga e adestradora Cássia Siqueira, que sem ela não seria possível à realização deste trabalho.

A TECNEW, em especial a Nilva Lopes, Bruno Antônio Bruno e Marcelo André Comodo que acreditaram e apoiaram este trabalho.

À equipe de profissionais da Veterinária Montese, que tive que acordar mais cedo para montar a estrutura das aulas nos finais de semana.

Aos colegas de turma, pelo incentivo e apoio dado na realização da primeira aula (e ao churrasco também).

Aos meus estagiários, Fernanda Sampaio A. P. Durão e Cristiano dos Santos Menandro, pelo apoio e dedicação.

À CAPES, cuja bolsa de estudos contribuiu para a realização deste projeto.

À professora Marta Fernanda Albuquerque, por ser sempre tão atenciosa.

Aos professores: Regina Ramadilha, Luis Sérgio Ramadilha, Paulo Peixoto, Cláudio, Rita, e tantos outros que me ajudaram neste trabalho.

Ao funcionário Otacílio, por tanta paciência.

Aos amigos de pós-graduação Rafael, Piriquito e Raquel, sempre presente nas horas difíceis e nas viagens para Resende.

Ao desaparecido bendito envelope por voltar a aparecer com todos os meus dados na hora certa.

## SUMÁRIO

Capítulo	Página
Resumo .....	
Abstract .....	
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>2. REVISÃO</b> .....	3
2.1 Relação Homem cão doméstico.....	3
2.2 Comportamento Social canino.....	4
2.3 Períodos do Desenvolvimento canino.....	5
2.3.1 A Socialização.....	7
2.4 Características Comportamentais.....	9
2.4.1 Medo.....	9
2.4.2 Dominância.....	9
2.4.3 Agressividade.....	10
2.4.4 Submissão.....	10
2.4.5 Sociabilidade.....	11
2.5 Escola de socialização para Filhotes.....	11
<b>3. OS ANIMAIS</b> .....	12
<b>4. MATERIAL E MÉTODOS</b> .....	13
4.1 Espaço Físico.....	13
4.2 Material.....	13
4.2.1 Material permanente.....	13
4.2.2 Material de Consumo.....	13
4.3 Método.....	14
4.4 Diagnóstico comportamental, evolução comportamental, avaliação das expectativas dos proprietários.....	18
<b>5. RESULTADO E DISCUSSÃO</b> .....	20
5.1 A visão dos proprietários sobre o curso e o comportamento de seus animais.....	20
5.2 Os motivos e a evolução dos animais durante o curso.....	21
5.3 Características comportamentais individuais e a evolução comportamental.....	24
5.4 Idade da socialização.....	35
5.5 Aspectos práticos da instalação da escola de socialização para filhotes e o decorrer das aulas.....	35
<b>6. CONCLUSÕES</b> .....	53
<b>7. BIBLIOGRAFIA</b> .....	54
<b>ANEXO 1</b> .....	56
<b>ANEXO 2</b> .....	58
<b>ANEXO 3</b> .....	61
<b>ANEXO 4</b> .....	81

## RESUMO

SERRA, Cláudia Martins. **Classe de Socialização para Filhotes de Cão Doméstico – Resende – RJ**. Seropédica: UFRRJ, 2005. p. (Dissertação, Mestrado em Medicina Veterinária).

Palavra chave: Comportamento; cão; socialização; bem estar animal.

Partindo da tese de que é ser possível melhorar a qualidade de vida de filhotes caninos e o do vínculo homem-animal, através das aulas de socialização, desenvolveu-se o presente trabalho cujos objetivos foram: montar uma escolinha de socialização adaptada à realidade brasileira; delinear um perfil comportamental dos filhotes caninos; verificar as mudanças comportamentais obtidas; aquilatar a adesão dos proprietários ao processo de socialização e a sua avaliação do curso. Participaram deste experimento 23 filhotes de cães de raças variadas, machos e fêmeas com idade entre 3 a 7 meses de idade, que tiveram 4 aulas de socialização ministradas por médico-veterinário, adestrador e estagiários, numa área de 80 m<sup>2</sup>. Dos resultados obtidos pode-se concluir que é viável montar uma escolinha de socialização adaptada à realidade brasileira, que o perfil comportamental dos filhotes caninos é agressivo por dominância, sem educação formal. Os proprietários não têm informação suficiente com relação ao comportamento canino. Nos filhotes participantes pode-se esperar: redução drástica da dominância a partir da segunda aula; redução gradual do medo, submissão e agressividade, e aumento gradual da sociabilidade. A adesão dos proprietários ao processo de socialização foi de 95 %. O curso preencheu as expectativas dos proprietários, ultrapassando em muito a mesma.

## **ABSTRACT**

SERRA, Cláudia Martins. **Classe de Socialização para Filhotes de Cão Doméstico – Resende – RJ**. Seropédica: UFRRJ, 2005. p. (Dissertação, Mestrado em Medicina Veterinária).

Palavra chave: Comportamento; cão; socialização; bem estar animal.

Coming from the theses that it is possible to improve the quality of life of puppies and the connection between human-animal, through socialization classes, the present work was developed with the objectives to: make a socialization school adapted to the Brazilian reality; line up the puppies behavior profile; analyze the behavioral changes acquired; report the owner's acceptance of the program and their evaluation of the classes. In this experiment 23 puppies of a variation of a variation of breeds male and female between the ages 3 and 7 months old, had 4 socialization classes handled by a veterinarian, handler and inters in na área of 80 m square. From the obtained results it can be concluded that it is viable to put up a socialization school adapted to the brazilian reality, that behavior profile of the puppies is to be aggressive by dominance, without any formal education. And the owner's don't have enough information related to canine behavior the obtained from the socialization were accentuated reduction of dominance change after the seconds class; gradual fear reduction, submission and agressivity, and the gradual increase of sociability. The acceptance of the owners to the socialization process was 95 %. The course reached the expectations of the owners and supessing it as well.

## 1. INTRODUÇÃO

O cão foi domesticado à cerca de 12.000 anos e se aceita que o mesmo é descendente do lobo, reproduzindo uma hierarquia social muito forte. Dentre os cinco períodos (neonatal; transição; socialização; juvenil e adulto) de desenvolvimento reconhecido nos cães, o terceiro período, que é o da socialização primária (da terceira semana de vida até a décima segunda semana), é essencial para o desenvolvimento comportamental canino. Por ser o período onde o cão faz seus laços sociais com pessoas, é considerado o período mais importante do desenvolvimento do filhote de cão doméstico.

A socialização, basicamente, é o processo através do qual o animal aprende o comportamento social apropriado ao meio social onde vive. Em geral este processo refere-se à socialização primária, embora não exclusivamente, a qual se apresenta como um período sensível para o aprendizado das “normas sociais”. Através das brincadeiras e das interações com outros seres vivos o filhote aprende as habilidades sociais necessárias ao convívio social adequado, como por exemplo, a inibição da mordida. O período de socialização primária tem sido chamado de “período crítico” devido à facilidade com que o animal estabelece relações sociais. Estudos recentes mostram que filhotes isolados de todo o contato humano até a décima sexta semana de idade são incapazes, assim que são tirados do isolamento, de interagir com seus iguais ou com os humanos e mesmo brincar com simples brinquedos. Muitos reagem atacando os seres humanos e têm reações tão anormais que se tornam impossíveis de treinar. Para o desenvolvimento de relações sociais apropriadas, o filhote deve poder interagir não só com outros filhotes e com a mãe, mas também com humanos e outros seres vivos neste período sensível.

Na Austrália o conceito de socialização primária como período essencial à obtenção de caninos adultos adequados ao convívio humano, foi imediatamente aceito pelos veterinários, dando-se ênfase ao divertimento, e ao ensinamento de boas maneiras, e não ao treinamento de obediência formal para competições. Evidências se acumulam indicando que filhotes bem socializados têm mais chance de permanecer com seus proprietários após um ano, já que cerca de 20% de cães australianos, nesta idade, são deixados em abrigos ou carrocinhas e desses, 80% são mortos (“eutanasiados”) devido a problemas

comportamentais. Estes números representam uma grande perda, tanto emocional quanto financeira, para proprietários e veterinários.

Este quadro se repete nos demais países, incluindo o Brasil, com um enorme número de cães sendo mortos por problemas de comportamento, a maioria decorrente da má socialização.

Embora o problema seja trágico, a literatura a respeito é escassa e não existe nenhum trabalho sistemático registrado de socialização primária com filhotes que não vivam em centros de pesquisa no Brasil ou nos demais países.

A necessidade de prevenir e diagnosticar precocemente problemas de comportamento, e despertar os proprietários para os mesmos, deram origem a este trabalho que defende a hipótese que é possível melhorar a qualidade de vida de filhotes de cães e o vínculo homem animal, através das aulas de socialização.

Deste modo os objetivos da presente dissertação são:

1. Montar uma escolinha de socialização adaptada à realidade brasileira;
2. Delinear um perfil comportamental dos filhotes caninos;
3. Verificar as mudanças comportamentais obtidas nos animais participantes;
4. Aquilatar a adesão dos proprietários ao processo de socialização e sua visão do processo.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Relação Homem - Cão Doméstico

O cão foi domesticado há mais tempo que qualquer outro animal, estendendo-se a ligação entre o homem e o cão por, pelo menos, 12.000 anos. Durante esse período, os cães preencheram muitos papéis, desde companhia até alimento, de *alter egos* a provedores de habilidades sensoriais especiais. É a grande plasticidade genética do *Canis familiaris* o que permitiu tamanha variação em seu talhe, cores e comportamentos (BEAVER, 2001).

No século vinte, os cães são usados para preencher mais necessidades humanas do que qualquer espécie doméstica. Por que as pessoas têm cães e o que elas esperam deles também tem sido investigado. Os resultados indicam que 54% dos proprietários de cães são emocionalmente dependentes de seus animais. Esse achado é reforçado pelo fato de 59% dos proprietários deixarem seus cães dormir nas suas camas ou ao lado delas (LEVINE, 1985; LOCKWOOD, 1983).

Embora o *Canis familiaris* tenha se tornado uma parte importante de nossa sociedade, somente 38% dos proprietários de cães mantêm seus animais de estimação a longo prazo (até a velhice). Nos últimos 25 anos, tem-se tornado cada vez mais comum para os veterinários terem contato com animais apresentando problemas comportamentais (BEAVER, 2001). Todo ano milhões de cães são descartados por meio de: envio para novos lares; abandono em abrigo de animais e canis, ou mesmo nas ruas. Dos 10-17 milhões de cães que entram em abrigos, nos Estados Unidos, 36 a 59% são cães de rua. O resto é abandonado nos abrigos pelos proprietários. Os problemas comportamentais são tidos como as principais e muitas vezes únicas razões para se desistir do animal, sendo, conseqüentemente, responsáveis por até 70% das mortes induzidas (“eutanásia”) o que ultrapassa o total de mortes por doenças infecciosas (HUFF, 1990; KAHLER, 1993; LANDSBERG, 1991).

A taxa de morte induzida anual é de 10-20% no caso da população canina norte-americana global; 4-9 milhões de cães são mortos nos abrigos e canis dos EUA todos os anos (OVERALL, 1997).

Como a maioria das espécies domésticas com as quais os seres humanos convivem, os cães também são seres sociáveis. Embora algumas modificações tenham sido feitas na estrutura do grupo durante o processo de cruzamento seletivo, muito das interações e dos comportamentos-problema dos cães estão associados ao tipo de interação social normal entre os canídeos. Desde o comportamento sexual até o comportamento predatório, desde a marcação com urina até a higienização mútua, as sutilezas de boa parte da vida diária canina são baseadas em relações sociais. Para complicar esse processo, os seres humanos são aceitos como membros do grupo, sendo introduzidos fatores de interação interespecies (BEAVER, 2001), o que nem sempre resulta em contactos amigáveis, ainda mais se o ser humano não tiver noção do comportamento social canino.

## **2.2 Comportamento Social canino**

Os comportamentos sociais começam ao nascimento e tornam-se mais elaborados à medida que o cãozinho cresce. O aprendizado social passa por estágios de socialização, desenvolvimento de relações de dominador e subordinado, maturação comportamental e interações de grupo (OVERALL, 1997).

A hierarquia social já está estabelecida às 15 semanas de idade em 88% dos cãesinhos. Uma vez estabelecida, a hierarquia pode permanecer estável por vários anos, com pequenas flutuações devidas à raça ou ao ciclo reprodutivo (SCOTT, 1965; SCOTT, 1948). Deste modo qualquer ação que vise modificar a hierarquia social deve ser, preferencialmente, iniciada antes das 15 semanas de vida.

Em matilha, os cães têm um líder, que geralmente é um espécime que, graças às suas habilidades, conduz e controla os demais, impondo inúmeras regras de conduta, de modo que não haja desperdício de energia em disputas e confrontos. O líder da matilha, determina a posição e subordina posições de graduação na hierarquia por meio de sinais e atitudes, e a briga só ocorre em último caso, na maioria das vezes pela disputa da liderança. A vantagem evolucionária deste tipo de organização advem do fato de que quando os cães brigam, eles se machucam, e qualquer membro da matilha debilitado diminui as chances de sobrevivência do grupo. O tempo todo os animais recebem e passam informações uns aos outros a respeito de quem é o líder e de quem é subordinado. Se eles por milênios têm agido assim para estabelecer a ordem, o ser humano terá mais sucesso na relação com os

cães se ocupar o lugar do líder (LANDSBERG, G. et al., 2005). Os cães testam continuamente para saber quem é o líder. Desde filhotes, os cães já demonstram disposição para disputar a liderança do grupo, e as brincadeiras são fundamentais. É através delas que o cãozinho desde logo percebe como controlar a força de suas mordidas, aprende a se comportar, a brincar e a disputar (BEKOFF, 1975; ROSSI, 2000; FAGEN, 1981).

Para os cães a hierarquia é obrigatória, eles sabem exatamente o lugar que ocupam na escala social dentro de um grupo. Cada posição e cada atitude têm significado para todos os cães. Essa comunicação canina é natural e importante, de maneira que se o filhote for separado da mãe e dos irmãos muito cedo (antes de sete semanas), esta comunicação não se tornará natural, o que cria problemas para o convívio social, (OVERALL, 1997).

Entender como funciona uma matilha não nos dá apenas uma compreensão nova e crucial sobre o cão, mas também uma visão diferente de como ele deve ser educado/treinado. Os valores dos cães são diferentes dos nossos, e é pelo conhecimento destes que percebemos os erros mais comuns ao educar e adestrar os cães: não assumir a liderança e até mesmo, inconscientemente, sinalizamos para o animal a informação de que ele é o líder da matilha (ROSSI, 2000).

Para o cão, a família humana é a matilha à qual ele pertence. Ele tentará descobrir qual a posição que ocupa entre os membros da família. Mesmo que goste muito de pessoas, se o cão acreditar que pode liderar a matilha, irá disputar o poder com seu proprietário de inúmeras formas, a maioria delas desagradáveis. Carinho e afeto não impedem disputas pela hierarquia. Sem a consciência de que somos diferentes, entramos em disputa com os cães e acabamos ficando nervosos ou frustrados com suas reações. Esperamos que os cães queiram o que queremos que sintam como nós sentimos e, ainda pior, que pensem como nós pensamos (ROSSI, 2000; OVERALL, 1997).

Para evitar esta antropomorfização, devemos conhecer o desenvolvimento comportamental canino.

### **2.3 Períodos do Desenvolvimento canino**

A hipótese que os resultados comportamentais da vivência de uma experiência dependem do período da vida em que é experimentada, levou à teoria dos períodos críticos. Segundo esta, determinados eventos importantes para o desenvolvimento comportamental,

têm de acontecer em períodos específicos (janelas temporais) ou a oportunidade de aprendizado será perdida ou muito prejudicada (por exemplo: é mais fácil para o ser humano aprender uma língua estrangeira quando criança do que quando adulto). Desde modo num desses períodos críticos, novas relações sociais se estabelecem facilmente e noutra a memória torna-se consistente. Utilizando estes pontos de referência, o desenvolvimento do comportamento social dos cães foi dividido em quatro períodos (OVERALL, 1997; LANDSBERG, G. et al., 2005; BEAVER, 2001):

1. **Período neonatal** - abrange as primeiras duas semanas de vida (até os olhos e ouvidos abrirem). Devido à imaturidade física e neurológica do cão, nessa idade, o comportamento é restrito a padrões infantis – principalmente mamar e dormir. Somente a ausência de contato tátil da mãe ou dos companheiros de ninhada faz com que um cãozinho neonatal se torne ativo (BEAVER, 2001). Os filhotes apresentam capacidade motora limitada e, até cerca de cinco dias, o movimento ocorre sobre o ventre, por meio de remadas e golpes com os membros. O reflexo de fuçar está presente desde o nascimento e começa a desaparecer após aproximadamente 14 dias. Com seis a dez dias, os membros dianteiros passam a ser capazes de sustentar peso e com 11 a 15 dias, conseguem sustentar o peso com os membros traseiros e começam a caminhar (LANDSBERG, G. et al., 2005).
2. **Período de transição** - é curto começando quando os olhos e ouvidos se abrem e se estende até que as habilidades locomotoras mudam do rastejamento para a marcha. Este é geralmente o período em que os cães movimentam-se o suficiente para começar a sair da caixa/toca, notam pela primeira vez os outros, e começam a ingerir alimentos semi-sólidos. A resposta de sobressalto evocada auditivamente começa aos 18 dias quando o filhote começa a localizar sons (LANDSBERG, G. et al., 2005; FOX, 1965).
3. **Período de socialização primária** - é provavelmente o período mais importante na vida de um cão relativo às interações sociais. O período começa com 3 semanas de idade, quando o cãozinho torna-se capaz de

procurar a interação social não materna, e durará até que os padrões comportamentais infantis terminem e as interações ambientais se tornam mais atraentes que as sociais – com cerca de 12 semanas de idade. Juntamente neste período ocorrem mudanças nas características físicas, neurológicas e comportamentais: as habilidades motoras amadurecem para permitir interação e reação ativas; o sistema nervoso se aproxima dos padrões adultos, e o aprendizado estável começa. Existem evidências de que eventos durante o período de socialização podem ser críticos para outros aspectos, tais como fixação em locais particulares, formação de hábitos alimentares básicos, desenvolvimento da agilidade motora e a reação ao isolamento (BEAVER, 2001; LANDSBERG, G. et al., 2005; MARKWELL, 1987; OVERALL, 1997).

4. **Período juvenil** – estende-se aproximadamente da 12ª semana de vida até a maturidade sexual. Os comportamentos adquiridos durante a socialização primária precisam de reforço adicional durante o período juvenil e mesmo após, ou poderão ser esquecidas dentro de 6 meses. Se não ocorreu o aprendizado original, o cão ficará socialmente deficiente pelo resto da vida. A exploração ambiental aumenta durante o período juvenil, e se o cão não tiver sido criado entre pessoas, manifestará atitudes de esquiva frente a elas. A capacidade de aprendizado básica encontra-se completamente desenvolvida, e a velocidade do aprendizado condicional começa a diminuir, talvez por causa da interferência do aprendizado anterior (BEAVER, 2001).
5. **Período adulto** – a idade adulta começa na puberdade. Os cães são considerados socialmente maduros aos 18 meses de idade e totalmente maduros aos dois anos (LANDSBERG, G. et al., 2005).

### **2.3.1 A Socialização**

Como o período de socialização é tão significativo, é importante compreender os vários tipos de aprendizado que acontecem durante o mesmo. A lição mais significativa com relação aos seres humanos é a identificação das espécies. Por meio da criação de

cãezinhos em isolamento solitário, isolamento pareado, entre gatos ou entre pessoas e depois fazendo testes a intervalos variados, MARKELL, 1987 & FREEDMAN, 1961, descobriram muito acerca da importância dos filhotes estarem com outros cães e pessoas. Com 3 a 5 semanas de idade, os filhotes abordam ativamente pessoas estranhas. Imediatamente depois disso, começam a evitarem estranhos e este comportamento de esquiva aumenta lentamente até atingir um pico às 12-14 semanas de idade. A esquiva progressiva ajuda a proteger o cão de predadores, mas pode interferir no estabelecimento de relações normais com seres humanos (OVERALL, 1997; LANDSBERG, G. et al., 2005).

Embora existam diferenças raciais nas respostas, os filhotes que ficaram completamente isolados de seres humanos até as 14 semanas de idade, todos tendem a ficar sempre desconfortáveis entre pessoas. Eles tendem a ficar inacessíveis (como um lobo silvestre), geralmente tentando evitar interações e agindo medrosamente se a fuga não for possível. Se for criado somente entre seres humanos ou gatos nas primeiras 14 semanas (sem nenhum outro cão), o cãozinho tenderá a evitar sua própria espécie, tanto social quanto sexualmente. Um filhote criado deste modo provavelmente irá exibir mais comportamentos sociais inapropriados em relação a outros cães, agredindo-os ou evitando-os (BEAVER, 2001).

Filhotes isolados em gaiolas das 8 semanas até os 6 meses de idade, ou mantidos em canis por mais de 14 semanas de idade, exibem um medo generalizado de ambientes estranhos. Filhotes mantidos em ambientes relativamente monótonos/fixos exibiram aberrações comportamentais em ambientes novos mais complexos. Essa síndrome de *institucionalização* ou *canilismo* é expressa como falta de interesse na exploração de um ambiente novo; o que se traduz por um comportamento retraído do cãozinho ao ser retirado da caixa de transporte e timidez ou outras respostas inapropriadas quando confrontado com estranhos (OVERALL, 1992).

A quantidade real de contato exigida para a socialização em uma espécie é, provavelmente, bastante pequena, e pode ser influenciada por fatores externos. Recompensas alimentares não são necessárias para a socialização, e nem a punição a inibe; no entanto, a fome e sua satisfação aceleram o processo. Experiências emocionais fortes (tais como as que ocorrem quando o filhote é separado da mãe e companheiros de ninhada

em um local estranho) também acelerarão a socialização com relação a treinadores humanos (OVERALL, 1992; SCOTT, 1962).

O aprendizado estável se dá a partir das 8 semanas de idade. Episódios traumáticos (na perspectiva do filhote) podem levar a uma perda do processo de socialização. Uma descarga de eletricidade estática, um dedo pisado acidentalmente ou uma vacinação dolorosa podem ser suficientes para que o filhote fique receoso com um indivíduo ou um grupo de indivíduos semelhantes. A separação da mãe às 6 ou 12 semanas não afeta a socialização com seres humanos caso o filhote tenha recebido contato humano diário até esta data (BEAVER, 2001; OVERALL, 1997).

Uma das maneiras do cão aprender é por imitação, por isso, se uma pessoa só conseguir impor respeito ao seu cão pela violência, provavelmente fará com que esse cão imite sua técnica para obter respeito ou, quem sabe, chegue um dia a disputar violentamente com ela a posição de liderança. Cães que recebem esse tipo de tratamento adquirem seqüelas graves que dificultam muito o adestramento e, às vezes, tornam-se perigosos ao redirecionar sua agressividade para alguém da casa que não consiga dominá-los (ROSSI, 2000).

## **2.4 Características Comportamentais**

### **2.4.1 Medo**

Dependendo de como um animal foi socializado e de quais tipos de experiências teve quando era jovem, ele pode ter medo de membros da mesma e de outras espécies. Isso pode ser perigoso se o animal medroso responder com agressão (FOX, 1977; LANDSBERG, G. et al., 2005; OVERALL, 1997).

Às vezes, um único evento traumático pode deslanchar o medo. O medo pode resultar em agressão por parte de alguns animais, ao passo que outros respondem agachando-se, escondendo-se, permanecendo imóveis ou tentando fugir ou mesmo procurando atenção. Esses comportamentos podem estar associados a tremores, hipersalivação, evacuação ou dilatação pupilar (FOX, 1977; LANDSBERG, G. et al., 2005; OVERALL, 1997).

### **. 2.4.2 Dominância**

Os determinantes de dominação dentro da hierarquia incluem tamanho, peso, sexo, *status* hormonal e experiência anterior. A condição em que um membro do grupo social controla, de maneira consistente, recursos ou o comportamento de outros no grupo é referida como dominação. O *status* dos membros é mantido por meio de uma interação de comportamentos e sinais dominantes e submissos.

As posturas dominantes incluem contato visual (olhar dominante), orelhas eretas viradas para frente, retração vertical dos lábios, cabeça e corpo mantidos altos, cauda mantida para acima da posição horizontal, piloereção e postura rígida e tensa. Os comportamentos dominantes incluem cabeça ou patas colocadas sobre o subordinado, agarrões no focinho ou no pescoço, empurrões, derrubamento e monta. Estes comportamentos também podem ser acompanhados por um rosnado ameaçador (FOX, 1977; LANDSBERG, G. et al., 2005; OVERALL, 1997).

### **2.4.3 Agressividade**

A agressividade se refere a um comportamento ameaçador ou perigoso, direcionado a outro indivíduo ou grupo. A agressividade abrange uma ampla variedade de comportamentos, desde posturas corporais sutis e expressões faciais até ataques explosivos (FOX, 1977).

Pode estar relacionada à dominação; conflito; possessiva/relacionada a alimento; medo; territorial/protetora; fisiopatológica; predatória; por dor/clínica/irritável; brincadeira; maternal/hormonal; redirecionada; idiopática; aprendida; intra-específica (FOX, 1977; LANDSBERG, G. et al., 2005; OVERALL, 1997).

### **2.4.4 Submissão**

A comunicação é uma via de mão dupla, e uma resposta submissa apropriada por parte de um subordinado, torna-se importante para a manutenção das relações sociais. Os sinais corporais de submissão incluem: evitar contato ocular direto, orelhas viradas para trás contra o pescoço e a cabeça abaixada à medida que o pescoço for abaixado e estendido para frente ou for torcido para o lado, postura corporal abaixada e cauda mantida baixa. A língua pode mover-se rapidamente para dentro e para fora ou o animal mais dominante

pode ser lambido em cumprimento. Pode-se observar um “sorriso” mostrando todos os dentes com retração labial horizontal. A cauda é mantida mais baixa, frequentemente entre as pernas, e pode ser abanada aí. Ao toque o cão fica completamente parado. Exibição do ventre e micção são posturas extremamente submissas (BEAVER, 2001; FOX, 1977; OVERALL, 1997).

#### **2.4.5 Sociabilidade**

Sociabilidade é a qualidade do que é sociável, é a tendência para a vida em sociedade ou os modos de quem vive em sociedade (KOOGAN; HOUAISS, 1999).

“O sociólogo George Simmel entende a sociabilidade enquanto uma forma lúdica, autônoma, de associação. É o estar com o outro sem ter um propósito ou interesse material definido. É quando o prazer da interação não advém de um motivo ou interesse final já preestabelecido, mas no próprio fato da reunião em si. Norbert Elias por sua vez, classifica a sociabilidade como uma das atividades, ou esfera de atividades do homem no seu tempo livre, caracterizada pelo prazer e pelo estímulo agradável de estar em companhia dos outros sem qualquer tipo de compromisso, por exemplo: visitas a companheiros de trabalho, viagens, excursões, freqüentar bares, clubes, restaurantes, festas, ou as simples conversas com os vizinhos” (CAADE,2005).

#### **2.5 Escola de socialização para filhotes de cães.**

Nos EUA, as aulas de socialização são feitas na sua maioria dentro de clínicas e hospitais veterinários (fig. 2). São em média, 4 aulas e uma formatura; têm entre 4 a 8 cães, duração de 1 hora, com alguma brincadeira estruturada (fig. 1) e interação social com pessoas e outros animais de estimação, e com técnicas de treinamento com base em recompensas, os proprietários recebem informações adicionais sobre nutrição, higiene e cuidados com os dentes. Como nem sempre existe um espaço disponível somente para as aulas, estas, na sua maioria, são ministradas no hospital veterinário; são chamadas de “festa de socialização”, tem duração de 1 a 2 horas a cada 2 meses. Durante essa reunião, as

famílias podem trazer seus animais de estimação, encontrar a equipe, conhecer o hospital (OVERALL, 1997; LANDSBERG, G. et al., 2005).



Fig. 1 Classe de socialização [www.woodlawnvethospital.com/puppyschool.html](http://www.woodlawnvethospital.com/puppyschool.html)



Fig 2. Classe de socialização. [www.keycitykennelclub.org/map.html](http://www.keycitykennelclub.org/map.html)

### 3. OS ANIMAIS

Foram utilizados 23 cães, independente de raça, sexo, cor e pelagem, de 3 a 7 meses de idade, divididos em 4 turmas (Tab.1) cujos proprietários assinaram termo de concordância em participar do experimento.

**Tabela 1: Turma, raça, sexo e idade dos participantes caninos da escola socialização, Resende-RJ, UFRRJ, 2005**

Turma	Nome	Raça	Sexo	Idade
1 <sup>a</sup>	Tsu	Shar-pei	F	5 meses
	Pandora	Poodle	F	3 meses
	Argus	Rottweiler	M	4 meses
	Shumi	Poodle	F	4 meses
	Kelly*	Rottweiler	F	5 meses

	Luna*	Rottweiler	F	5 meses
	Kika	Lhasa apso	F	3 meses
2ª	Sadã	Pitbull	M	4 meses
	Mel	Cocker spaniel inglês	F	4 meses
	Bob	Lhasa apso	M	3 meses
	Blaylon	Rottweiler	M	3 meses
	Doby	Boxer	F	4 meses
	Lord Slash	Rottweiler	M	4 meses
3ª	Meg	Yorkshire terrier	F	3 meses
	Hanna	Bullterrier	F	5 meses
	TK	Daschund	M	4 meses
	Maximus	Rottweiler	M	4 meses
	Patcha	Boxer	F	4 meses
	George	Cocker spaniel inglês	M	4 meses
4ª	Bandit	Lhasa apso	M	6 meses
	Schin	Doberman Pinscher	M	7 meses
	Preta Maria	Rottweiler	F	6 meses
	Buana	Pastor australiano	f	7 meses

Obs – \* - irmãs de ninhada; F- fêmea; M- macho

## **4. MATERIAL E MÉTODOS**

### **4.1. Espaço Físico**

Área gramada de aproximadamente 80 m<sup>2</sup>, sombreada, cercada com alambrado e cerca viva, situada na Veterinária Montese, Resende-RJ.

### **4.2. Material**

#### **4.2.1 Material permanente**

- mesas, cadeiras e banquinhos de plástico.
- tendas de material sintético.
- mesa inox de atendimento clínico veterinário.
- tapetes para os cães.
- brinquedos para cães.
- coleiras e guias longas.
- objetos variados (sombriinha, chapéu, secador Tufão<sup>2</sup>, balões de aniversário de borracha, máscaras, guias e coleiras, brinquedos, escovas, escovas de dente).
- uniforme para o professor e pessoal de apoio.
- vasilhas de água para cães.

#### **4.2.2 Material de consumo**

- petiscos<sup>1</sup> para cães.
- lanche para os proprietários.
- Apostilas com instruções para os proprietários (Anexo 1)

---

<sup>1</sup> Eukanuba Healthy Extra, IAMS COMPANY, EUA

<sup>2</sup> Secador Kondor 2700, KONDOR

### 4.3 Método

Os 23 animais foram submetidos a aulas de socialização, uma vez por semana, num total de 4 aulas ( com duração aproximada de 90 a 135 minutos) de acordo com o roteiro descrito abaixo.

#### 1. Primeira aula:

- a. Nos 15 minutos de aula: todos os proprietários se apresentam e dizem o tipo de cão que têm, e porque têm tal cão.
- b. Dos 15 aos 20 minutos de aula: brincadeiras para os filhotes. Todos os filhotes são soltos de suas guias e para correr à vontade.
- c. Explicação para os proprietários o que é e porquê da socialização.
- d. Dos 20 aos 30 minutos de aula: intervalo para os proprietários irem ao banheiro. Explicação sobre hábitos higiênicos caninos.
- e. Dos 30 aos 35 minutos de aula: apresentação das guias, coleiras, cabeçadas, colares de identificação, focinheiras (demonstração da colocação será feita em alguns dos participantes animais durante o comando FICAR).
- f. Dos 35 aos 60 minutos de aula: ensinar o comando SENTAR com demonstração usando “aperitivos” (petiscos) e sem gestos. Os proprietários praticam com seus próprios animais e o grupo de apoio ajuda. Os proprietários demonstram o que aprenderam na Aula.
- g. Dos 60 aos 65 minutos de aula: hora de brincar, sendo todos os filhotes soltos.
- h. Dos 65 aos 90 minutos de aula: orientação sobre escovação de dentes e qual sua importância, com demonstração com um dos cachorrinhos sobre a mesa. Manipulação das patas, pavilhões auriculares e do corpo de outro filhote reproduzindo um exame clínico de rotina,

explicando a sua importância. Orientação e explicação sobre a prevenção de ectoparasitas ministrada por representante da Merial.

- i. Dos 90 aos 100 minutos de aula: Ensinar e demonstrar o comando FICAR com uso de recompensa. Prática dos proprietários com seus animais sob supervisão do grupo de apoio. Os proprietários demonstram e integram o comando SENTAR.
- j. Dos 100 aos 105 minutos de aula: hora de brincar, sendo todos os filhotes soltos.
- k. Dos 105 aos 115 minutos de aula: informação e discussão sobre aulas futuras e esclarecimento das dúvidas dos proprietários.
- l. Dos 115 aos 125 minutos de aula: Cafezinho para os proprietários.

## 2. Segunda aula:

- a. Dos 0 aos 15 minutos de aula: esclarecimento de dúvidas sobre a semana anterior.
- b. Dos 15 aos 20 minutos de aula: hora de brincar, sendo todos os filhotes soltos.
- c. Dos 20 aos 30 minutos de aula: Intervalo para ir ao banheiro.
- d. Dos 30 aos 40 minutos de aula: Orientação sobre: vacinas, exames de fezes, e infestação de parasitas e sua prevenção e tratamento.
- e. Dos 40 aos 65 minutos de aula: Revisão do “sentar” e “ficar” com demonstração. Introdução do comando “junto”.
- f. Dos 65 aos 70 minutos de aula: hora de brincar, sendo todos os filhotes soltos.
- g. Dos 70 aos 75 minutos de aula: Troca de cães entre os proprietários (Passe o cão).
- h. Dos 75 aos 95 minutos de aula 20 minutos: Informação sobre como aferir a temperatura, como limpar as orelhas e escovar o pelo. Orientações sobre Dominância e Matilha.
- i. Dos 95 aos 105 minutos de aula: Ensinar e demonstrar o comando “deitar” com recompensa. O proprietário pratica e o grupo de apoio

ajuda. Os proprietários demonstram e integram com o comando “junto”. Dos 105 aos 110 minutos de aula: Hora de brincar.

- j. Dos 110 aos 115 minutos de aula: “Passe o cão”.
- k. Dos 115 aos 125 minutos de aula: Informação e discussão para aulas futuras e perguntas de proprietários.
- l. Dos 125 aos 135 minutos de aula: Cafezinho

3. Terceira aula:

- a. Nos primeiros 15 minutos de aula: esclarecimento de dúvidas sobre a aula anterior.
- b. Dos 15 aos 20 minutos de aula: hora de brincar, sendo todos os filhotes soltos. Brincadeira com balões.
- c. Dos 20 minutos aos 45 minutos de aula: Revisão dos comandos “sentar”, “ficar”, “junto” e “deitar” com demonstração! E passe o cão.
- d. Dos 45 minutos aos 60 minutos de aula: Orientações: Alimentação e Mitos de envenenamento.
- e. Dos 60 minutos aos 65 minutos de aula: hora de brincar sendo todos os filhotes soltos, brincando de pular obstáculos.
- f. Dos 65 minutos aos 80 minutos de aula: Continuar com o comando “deita” longo. Os proprietários praticam e o grupo de apoio ajuda. Os proprietários demonstram e integram com os comandos “junto” e “senta”.
- g. Dos 80 minutos aos 85 minutos de aula: Hora de brincar, sendo todos os filhotes soltos, com secador tufão ligado.
- h. Dos 85 minutos aos 100 minutos de aula: Orientações sobre transporte. Informações das aulas futuras e perguntas de proprietários.
- i. Dos 100 minutos aos 105 minutos de aula: Cafezinho.

4. Quarta aula:

- a. Dos 0 aos 15 minutos de aula: esclarecimento de dúvidas sobre a semana anterior.
- b. Dos 15 minutos aos 20 minutos de aula: hora de brincar, sendo todos os filhotes soltos.
- c. Dos 20 minutos aos 45 minutos de aula: Foi feita uma revisão de tudo que foi feito até a data. Demonstração dos filhotes com proprietários, para que sejam feitas todas as correções e sugestões.
- d. Dos 45 minutos aos 50 minutos de aula: hora de brincar, sendo todos os filhotes soltos. Passe o cão.
- e. Dos 50 minutos aos 80 minutos de aula: Ensinar e demonstrar os comandos por gestos.
- f. Dos 80 minutos aos 85 minutos de aula: Ensinar caminhar do lado esquerdo.
- g. Dos 85 minutos aos 95 minutos de aula: hora de brincar, sendo todos os filhotes soltos. Brincadeiras com máscaras e objetos diferentes.
- h. Dos 95 minutos aos 110 minutos de aula: Demonstração dos comandos “senta”, “fica” e “deita” com gestos. Proprietários praticam e o grupo de apoio ajuda. Os proprietários demonstram e integram com outros comandos.
- i. Dos 110 minutos aos 115 minutos de aula: hora de brincar sendo todos os filhotes soltos.
- j. Dos 115 minutos aos 130 minutos de aula: Castração: porque e quando fazer.
- k. Dos 130 minutos aos 135 minutos de aula: Cafezinho.

## 5. Formatura

Demonstração do que foi apreendido, entrega de Certificados.

#### **4.4 Diagnóstico comportamental, evolução comportamental, avaliação das expectativas dos proprietários.**

Na primeira aula, os proprietários preenchem um questionário (Anexo 2) para identificar as expectativas pessoais acerca do curso e quantificar aspectos da relação com seu animal. Outro questionário (Anexo 2) foi preenchido na formatura.

A avaliação dos resultados foi feita de acordo com a técnica descrita por Bateson & Marti (1993) para quantificação de características individuais subjetivas, sendo utilizada uma escala de 0 a 10 para as seguintes características individuais:

- a) Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável):
  - Interação com seres humanos conhecidos e desconhecidos
  - Interação com animais conhecidos e desconhecidos
  - Participação de brincadeiras em grupo
  
- b) Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo):
  - Ao contato com humanos
  - Ao contato com animais
  
- c) Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso).
  - Em relação aos humanos
  - Em relação aos animais

d) Medo (0-sem medo; 10-muito medo).

- De gestos bruscos
- De objetos não familiares
- De sons (balões estourando, secador Tufão, bater palmas, etc.).
- De situações novas
- De pessoas não familiares
- De animais não conhecidos

e) Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

- Durante a interação com outros cães.
- Durante o treinamento de obediência
- Durante a interação com pessoas

Os parâmetros acima foram avaliados independentemente pelos 4 membros da equipe (pesquisador, adestradora e 2 estagiários), após cada aula, sendo o valor médio registrado em tabela individual.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

**5.1. A visão dos proprietários sobre o curso e o comportamento de seus animais.** Os proprietários apresentavam expectativas, anseios e motivos variados acerca do curso, no início do mesmo como pode ser visto na Tabela 2.

**Tabela 2: Expectativas, anseios e motivos dos proprietários com relação ao curso de socialização realizado em Resende-RJ, UFRRJ, 2005**

	Hiperatividade	Curiosidade	Status	Convite	Socialização	Dificuldade na lida	Não Respondeu
Tsu					X		
Pandora							X
Argus							X
Shumi					X		
Kelly					X		
Luna						X	
Kika							X
Sadã					X		
Mel							X
Bob							X
Doby						X	
Blaylon						X	
Lord Slash							X
Meg			X				
Hanna					X		
TK				X			
Maximus			X				
Patcha						X	
George		X					
Bandit				X			

Schin	X						
Preta Maria				X	X		
Buana		X					

## 5.2 Os motivos e a evolução dos animais durante o curso.

O motivo hiperatividade foi declarado por um único (1/23) proprietário (animal Schin) que procurou a escola de socialização, a qual não era, na realidade, hiperatividade e sim dominância e falta de educação básica. O Schin vocalizava o tempo todo na primeira aula, a manipulação era impossível, ele agredia e mordia os outros cães e pessoas, mas ao mesmo tempo em que avançava, recuava de medo. O proprietário foi orientado em relação à dominância e aos comandos básicos conforme a evolução da aula. Foi chocante a mudança do comportamento do animal de uma aula para outra; o animal já não vocalizava, não agredia quando manipulado. Os comentários que ouvíamos dos outros participantes era que “os proprietários do Schin trouxeram outro cão para a aula” (Fig. 1). Ao final do curso obteve-se a resolução do problema inicial.



Fig. 1. Adestradora Cássia fazendo a manipulação em Schin no chão (2ª aula). Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.

Os proprietários dos animais George e Buana (2/23) alegaram participar do curso por curiosidade, pois seus cães não apresentavam nenhum tipo de alteração no comportamento que precisasse de socialização, descobriram que o manejo poderia ser melhorado, que as informações transmitidas durante o curso eram extremamente importantes, pois fez com que percebessem que o comportamento que eles consideravam normal, na realidade era dominante. O cãozinho George era bem sociável com pessoas, mas com animais apresentava um pouco de receio, mas sem nenhuma agressão. Ao final do

curso o proprietário de George observou que seu filhote era capaz de interagir ativamente com outros cães maiores e menores e era capaz de participar de brincadeiras que ele jamais imaginava, melhorando assim e muito a qualidade da interação com seu cão.

Já a Buana, com pessoas era sociável, com os outros cães apresenta certa submissão/medo, principalmente com cães maiores. No caso da Buana também, por um erro do proprietário que a estimulava, a agressividade contra grandes animais foi eliminada. Seu proprietário percebeu que o estímulo que este estava dando era negativo, já que sua própria raça já tem aptidão para o pastoreio, mas se estimulado de forma correta, ele relatava que no decorrer das aulas seu animal desempenhava seu trabalho na fazenda bem melhor, e que sua relação com o animal não seria somente “profissional”, a interação poderia ser mais completa.

Dois proprietários que procuraram o curso por status (2/23), tinham uma avaliação errônea do comportamento de seus animais. Meg por ser pequena, seu proprietário apresentava um “protecionismo” exagerado, quando o animal se deparava com outro cão na rua e nas aulas ou com uma situação que ele considerava de risco, a pegava no colo com medo de se assustar, o que ele não avaliava era que este ato a estimularia mais ainda a apresentar medo tanto de pessoas estranhas, como principalmente de outros cães e que este comportamento protetor estimulava a dominância sem agressividade e a desobediência. No caso do Maximus, seu proprietário que achava que ele não apresentava nenhum tipo de problema que precisasse de orientação, descobriu que havia deficiências no manejo alimentar (a quantidade de ração fornecida não era adequada ao porte e idade do animal), por isso seu animal era tão voraz na hora da alimentação, este achava que era característico da raça e na verdade seu animal estava passando fome.

Os que fizeram o curso por convite (3/23), descobriram que seus cães eram dominantes e apresentavam medo e submissão, tendo a sua relação com os seus animais melhorados muito após o curso. No caso do TK, sua desobediência era por pura dominância e falta de educação básica, seu proprietário achava este comportamento também normal da raça já que havia membros de sua família que tinham cães da mesma raça com o mesmo comportamento. Já o proprietário do Bandit achava que seu animal era “burrinho” e na verdade era falta de convivência com outros animais. O proprietário da Preta Maria descobriu que seu animal apresentava medo e submissão pela forma que era tratada em

casa, sempre com voz de comando alto, já que este era militar e impôs o regime militar para seu filhote, isso somente reforçava o comportamento de submissão e medo e era extremamente frustrante para seu dono que esperava que seu animal fosse corajoso, valente como um bom militar deve ser.

Aqueles que procuraram o curso porque seus cães precisavam de socialização achando-os agressivos (5/23), aprenderam a lidar com agressividade apresentada, que na verdade era por dominância. Tsu apresentava agressividade com outros cães que não eram conhecidos e que se aproximavam de seu proprietário, que por medo, não saía a rua, por temer um ataque de seu cão feroz o mantinha dentro de casa, e na verdade descobriu que seu cão agredia por dominância. Os proprietários de Shumi apresentavam medo do animal, estes achavam que ele era extremamente agressivo e às vezes ficava “possuído”, mas na verdade descobriram que o animal era dominante, não tinha educação básica e seus proprietários apesar de gostar muito do animal tinham muito medo de suas investidas e brincadeiras com mordidas, estimulando este comportamento a invés de reprimi-lo. Já a Kelly apresentava um comportamento dominante por que convivia com outro cão extremamente agressivo, não tinha contato com cães sociáveis então o comportamento apreendido era o de agredir, ela não sabia se comunicar, nem brincar com outros cães sem que eles entendessem as brincadeiras como agressão. Seu proprietário foi orientado a retirar o outro cão do convívio para que Kelly se acostumasse com o comportamento sociável normal de outros cães e foi recomendado comandos e avaliação comportamental do outro animal que convivia com Kelly em casa. O proprietário de Sadã estimulava seu filhote a atacar outros cães, este respondia o comando recebido com a agressividade a que foi estimulado e quando ele percebeu que não conseguia mais controlar sua agressividade, resolveu procurar a escola, percebendo após o término das aulas que pode ter um animal corajoso, valente sem ser agressivo. O caso de Hanna era que o animal queria brincar bastante, e os proprietários sem querer a estimulavam as brincadeiras com mordidas, sem colocar limites em sua intensidade, então sua forma de se comunicar com outros cães ra através de brincadeiras com mordidas sem ter noção da intensidade destas.

Os que tinham a dificuldade na lida (4/23) como principal motivo para aderir ao curso, puderam verificar que o que eles denominavam “desobediência” era na realidade

dominância e falta de educação básica. Doby e Pactha apresentavam brincadeiras de pular derrubando os filhos de seus proprietários, como as crianças tinham 5 e 7 anos respectivamente, o que era para se tornar agradável a interação dos cães com crianças, se tornara uma brincadeira de risco. Com comandos básicos de boa educação e controle da dominância principalmente ensinado as crianças, a interação dos cães com a família voltou a ser agradável. A dificuldade encontrada pelo proprietário da Luna era sua submissão e medo, sempre que se deparava com situações novas apresentava comportamento de medo/submissão, durante as aulas seu proprietário descobriu que episódios e brincadeiras que não eram feitas de forma correta, outro animal e as pessoas que conviviam com ela tinham brincadeiras brutas que levaram o animal a um conflito, gerando assim medo e submissão.

Os proprietários dos animais Pandora, Argus, Kika, Mel, Bob, Lord slash, não responderam (6/23) a esta pergunta do questionário.

### **5.3 Características comportamentais individuais e a evolução comportamental**

Os aspectos da relação dono-animal, segundo avaliação dos proprietários, podem ser vistos na tabela 3 .

Segundo os proprietários, na média a relação se caracterizava por ser afetivamente boa embora a obediência fosse ruim, os hábitos higiênicos eram os esperados para idade, sem problemas no quesito alimentação, e a convivência com pessoas embora não fosse excelente, não causava problema maior para os proprietários.

As características comportamentais individuais e a evolução comportamental dos filhotes podem ser vistas no anexo 4 e nas tabelas 4 a 8.

Na primeira aula, os animais apresentavam-se medianamente sociáveis, evoluindo na última aula para uma sociabilidade boa.

A agressividade não foi um problema durante as aulas. Apenas os animais Sadã, Kelly e Hanna, se mostraram agressivos com os outros, porem o mesmo não se verificou em relação às pessoas. Os proprietários aprenderam à forma correta de dominar e corrigir comportamentos indesejáveis em seus animais, como mostra a fig. 2.



Fig. 2. Hanna sendo imobilizada por seu proprietário por comportamento dominante agressivo indesejável (2ª aula). Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 3. Sadã abordando Blaylon com postura dominante, mas sem agressividade (3ª aula). Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.

No item agressividade os animais eram pouco agressivos, sendo esta ligada à dominância e a falta de educação, contrária a avaliação dos proprietários.

Em relação à submissão os animais mostraram-se pouco submissos.

Quanto ao medo os animais apresentavam-se pouco medrosos, o que é normal nesta idade.

Entretanto os animais apresentavam-se muito dominantes para a idade, sendo esta característica marcante da maioria das reclamações dos proprietários.



Fig. 4. Luna recebendo os comandos do proprietário de Pandora, não demonstrando reação de submissão como na 1ª aula. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.

**Tabela 3: Aspecto da relação homem-animal, de acordo com seus proprietários, por turma, na primeira aula do curso de socialização realizado em Resende-RJ, UFRRJ, 2005**

Turma	Nome	Afeto	Obediência	Hábitos higiênicos	Alimentação	Convivência com pessoas	Alteração de comportamento
1ª	Tsu	4	2	3	3	3	Agressivo
	Pandora	5	3	3	4	2	NT
	Argus	4	4	4	2	4	NT
	Shumi	4	2	3	3	2	Agressivo
	Kelly	4	1	3	3	3	Agressivo com animais
	Luna	4	3	3	3	2	Tímida
	Kika	5	4	4	4	4	NT
2ª	Sadã	4	2	3	2	2	Agressivo
	Mel	5	2	4	3	5	NT
	Bob	5	3	4	4	5	NT
	Blaylon	3	2	3	4	2	Rebelde
	Doby	5	2	3	4	4	Desobediente
	Lord Slash	5	4	4	4	4	NT

3 <sup>a</sup>	Meg	5	2	3	4	4	NT
	Hanna	4	2	3	4	3	Agressivo
	TK	4	2	3	3	2	Desobediente
	Maximus	5	3	4	5	4	NT
	Patcha	4	2	3	3	4	NT
	George	5	3	4	4	4	NT
4 <sup>a</sup>	Bandit	5	2	5	5	5	NT
	Schin	3	2	3	4	2	Hiperatividade
	Preta Maria	5	3	3	4	3	NT
	Buana	5	3	3	4	5	NT
Valor Médio		4,43	2,52	3,39	3,60	3,39	
Valor mínimo e máximo		3-5	1-4	3-5	2-5	2-5	

Obs – (-) não compareceu; NT- não tem; 5– muito boa (bom); 4-bom (bom); 3-média (o); 2-ruim; 1-muito ruim

Em relação ao item afeto, não houve muita divergência entre os proprietários, com exceção dos cães Blaylon e Schin (2/23), segundo o proprietário de Blaylon, acharam que a relação de afeto era média. Na hora das brincadeiras, durante a primeira aula, observamos que o proprietário de Blaylon não sabia interagir com ele. Orientamos em relação às brincadeiras, como usar os brinquedos de uma forma que fique interessante e atraente a brincadeira, tanto para o filhote como para seu dono. Em relação ao Schin, observamos que seus proprietários não interagiam durante as brincadeiras por terem medo de sua dominância agressiva.

Já em questão da obediência, o cãozinho Kelly foi difícil de orientar os comandos, sua dominância agressiva e falta de contato com outros cães, dificultava o treinamento e a obediência.

A questão dos hábitos higiênicos, a maioria dos proprietários respondeu que a relação era média, observamos que faltava orientação em relação à limpeza de ouvidos, escovação de dentes, etc. segundo a maioria dos proprietários, o veterinário não orientou ou se o fez, por ser muita informação na 1ª consulta pediátrica, passou despercebido.

Somente 2 proprietários responderam que na alimentação a relação era ruim, Argus se alimentava pouco porque estava com dor, no decorrer do curso pudemos observar melhor seu comportamento e orientamos a fazer uma consulta e foi feito diagnóstico de displasia coxo-femoral. Já Sadã, tinha dificuldade na alimentação por apresentar um corpo estranho na gengiva, que foi descoberto durante a demonstração da escovação de dentes.

Em relação à convivência com pessoas, 7/23 responderam que era ruim, mas em todos os casos era falta de educação básica. O que nos chamou a atenção também na 1ª aula foi que os proprietários não sabem brincar com seus animais, um ou outro tinha uma interação lúdica. Na 1ª brincadeira eles jogavam os brinquedos e ficavam parados olhando seus cães, os cães latiam, chamavam para as brincadeiras, olhavam para os brinquedos convidando-os a participar e estes não entendiam. Toda a equipe de apoio participava ativamente das brincadeiras estimulando e ensinando os proprietários a participar (“socializando os proprietários”).

Como pode ser observada na tabela 4 a avaliação de sociabilidade da 1ª para a 4ª aula melhorou muito, tivemos 2 extremos, a Kika que era extremamente com pessoas e animais, e a Kelly que com pessoas convivia bem mas com os outros animais era um desastre. Kelly queria participar das brincadeiras mas não sabia se comunicar com os outros cães, suas brincadeiras eram somente de morder forte, sem limites na mordedura, os outros cães entendiam isso como agressão e se defendiam, nas primeiras aulas mantivemos Kelly de focinheira (Fig. 5) para aprender a brincar sem

machucar os outros cães, e não tirar o “equilíbrio” da turma, por ser um filhote de rottweiler, alguns proprietários tinham receio de seu comportamento. Na 3ª e 4ª aulas Kelly já não precisou mais de focinheira.



Fig. 5. Kelly, de focinheira, participando da 2ª aula e fazendo passe o cão com a proprietária de Shumi. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.

Em relação à agressividade como mostrado na tabela 5, na verdade como já foi dito anteriormente, era por dominância e falta de educação básica, e era mais acentuada com animais do que com pessoas. Alguns proprietários tinham medo na hora de corrigir a intensidade das mordidas na hora das brincadeiras, principalmente os proprietários de cães de raças pequenas. Para isso, adotamos o “passe o cão” em que o proprietário dava os comandos a outro cão que não o seu. Normalmente colocávamos os proprietários de cães pequenos com cães grandes e vice-versa. Para os proprietários de cães pequenos perderem o medo e os de cães grandes perceberem que não é na força, nem no grito que você consegue um cão socializado.

Quanto à submissão descrita na tabela 6, os cães Pandora, Luna, Bob e Preta Maria, tiveram melhora significativa no decorrer das aulas, o filhote Pandora que nas primeiras aulas se escondia debaixo dos bancos e cadeiras, já na 3ª e 4ª aulas interagiu bem com os outros animais.

Já o quesito medo (tabela 7), alguns animais como Luna, Pandora, Bob e Preta Maria, que também eram submissos tiveram mais dificuldade, somente a partir da 3ª aula eles conseguiram interagir mais relaxados com os outros, no caso de Meg, que não era

submissa, o medo era reforçado por seu dono. Na 3ª aula era introduzida a brincadeira com balões, os cães eram soltos para o recreio, e um estagiário estourava os balões para observarmos as reações dos animais, que deviriam ser as mesmas com trovão, estouro, etc brincadeira com balões, isso era feito de forma que os animais não entrassem em pânico, seus proprietários continuavam a brincar ativamente com os outros cães para que seus filhotes fossem encorajados a ignorar o barulho; o mesmo era feito com o secador tufão, na 4ª aula, fizemos também brincadeiras com máscaras onde todos os cãesinhos eram soltos e seus proprietários e toda equipe técnica, colocavam máscaras e levamos para as aulas objetos diferentes; proporcionávamos sempre situações que pudessem causar conflitos, e estas eram introduzidas na hora das brincadeiras com proprietários e filhotes descontraídos.

Os animais, Luna e Kelly são irmãs de ninhada, o comportamento das duas é bem diferente. Luna é submissa, medrosa, e Kelly, apresenta agressividade por dominância como foi observado na primeira aula. A forma com que foram criadas por seus proprietários foi muito diferente, constatando que a influência do meio em o cão vive é fundamental na determinação de seu comportamento.

Em relação à dominância a meu ver, foi o problema mais comum e mais sério encontrado, os proprietários não têm conhecimento de como interage a matilha, que a hierarquia é obrigatória, e a liderança fundamental para a vida social do filhote. Assim os cães são criados como pequenos liderezinhos porque nesta fase os proprietários acham engraçado e divertido, como eles avançam, as manhas e birras que fazem se esquecendo que a fase de filhote passará, e depois ficam líderes que machucam com suas mordidas, tornando a convivência insuportável até o ponto de dar o cão, que é o que acontece na maioria das vezes. Neste experimento mais de 50% dos filhotes eram dominantes (13/23), e 100% dos proprietários não sabiam o que era dominância e como lidar com isso.

**Tabela 4: Quantificação da sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável) por participante e por turma, ao longo do curso de socialização realizado em Resende-RJ, UFRRJ, 2005**

<b>Turma</b>	<b>Nome</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
1ª	Tsu	2	3	4	5
	Pandora	2	3	5	5
	Argus	8	9	9	9
	Shumi	4	5	5	7
	Kelly	1	2	4	6
	Luna	7	7	8	9
	Kika	10	-	-	-
2ª	Sadã	3	4	5	7
	Mel	8	8	8	8
	Bob	2	3	4	6
	Blaylon	5	5	6	7
	Doby	9	9	9	9
	Lord Slash	5	6	8	8
3ª	Meg	3	5	6	8
	Hanna	5	6	7	7
	TK	2	4	6	8
	Maximus	9	9	9	9
	Patcha	9	9	9	9
	George	7	7	8	9
4ª	Bandit	2	6	7	8
	Schin	-	0	6	8
	Preta Maria	4	6	7	8
	Buana	6	7	8	9
Valor Médio		4,91	5,59	6,72	7,68
Valor mínimo-máximo		1-10	0-9	4-9	5-9

Obs – (-) não compareceu

**Tabela 5: Quantificação da agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo) por participante e por turma, ao longo do curso de socialização realizado em Resende-RJ, UFRRJ, 2005**

<b>Turma</b>	<b>Nome</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
1ª	Tsu	7	6	5	5
	Pandora	0	0	0	0
	Argus	0	0	0	0
	Shumi	8	6	5	4
	Kelly	8	7	4	3
	Luna	2	1	1	1
	Kika	0	-	-	-
2ª	Sadã	8	7	6	4
	Mel	0	0	0	0
	Bob	0	0	0	0
	Blaylon	7	5	4	3
	Doby	0	0	0	0
	Lord Slash	0	0	0	0
3ª	Meg	0	0	0	0
	Hanna	7	4	3	2
	TK	8	7	4	2
	Maximus	0	0	0	0
	Patcha	3	2	1	0
	George	0	0	0	0
4ª	Bandit	0	0	0	0
	Schin	-	8	2	1
	Preta Maria	0	0	0	0
	Buana	0	0	0	0
Valor Médio		2,52	2,4	1,59	1,13
Valor mínimo-máximo		0-8	0-8	0-6	0-5

Obs – (-) não compareceu

**Tabela 6: Quantificação da submissão (0-não submisso; 10-muito submisso) por participante e por turma, ao longo do curso de socialização realizado em Resende-RJ, UFRRJ, 2005**

<b>Turma</b>	<b>Nome</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
1ª	Tsu	0	0	0	0
	Pandora	8	6	5	4
	Argus	0	0	0	0
	Shumi	0	0	0	0
	Kelly	0	0	0	0
	Luna	8	4	3	2
	Kika	0	-	-	-
2ª	Sadã	0	0	0	0
	Mel	0	0	0	0
	Bob	8	7	6	4
	Blaylon	0	0	0	0
	Doby	0	0	0	0
	Lord Slash	5	4	3	2
3ª	Meg	5	4	1	0
	Hanna	0	0	0	0
	TK	0	0	0	0
	Maximus	0	0	0	0
	Patcha	0	0	0	0
	George	0	0	0	0
4ª	Bandit	5	3	2	1
	Schin	-	0	0	0
	Preta Maria	7	5	4	2
	Buana	4	3	2	1
Valor Médio		2,17	1,63	1,18	0,72
Valor mínimo-máximo		0-8	0-7	0-6	0-4

Obs – (-) não compareceu

**Tabela 7: Quantificação do medo (0-sem medo; 10-muito medo) por participante e por turma, ao longo do curso de socialização realizado em Resende-RJ, UFRRJ, 2005**

<b>Turma</b>	<b>Nome</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
1ª	Tsu	0	0	0	0
	Pandora	8	7	6	4
	Argus	2	1	1	1
	Shumi	0	0	0	0
	Kelly	0	0	0	0
	Luna	8	7	5	3
	Kika	0	-	-	-
2ª	Sadã	1	1	1	1
	Mel	0	0	0	0
	Bob	8	7	6	5
	Blaylon	0	0	0	0
	Doby	0	0	0	0
	Lord Slash	2	2	1	1
3ª	Meg	8	6	4	2
	Hanna	0	0	0	0
	TK	2	1	1	1
	Maximus	2	2	1	0
	Patcha	0	0	0	0
	George	3	2	1	1
4ª	Bandit	4	2	1	1
	Schin	-	8	2	1
	Preta Maria	8	7	5	3
	Buana	1	1	0	0
Valor Médio		2,47	2,45	1,59	1,09
Valor mínimo-máximo		0-8	0-8	0-6	0-5

Obs – (-) não compareceu

**Tabela 8: Quantificação da dominância (0-não dominante; 10-muito dominante) por participante e por turma, ao longo do curso de socialização realizado em Resende-RJ, UFRRJ, 2005**

<b>Turma</b>	<b>Nome</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
1ª	Tsu	6	6	5	5
	Pandora	3	2	2	2
	Argus	2	1	1	1
	Shumi	8	7	6	5
	Kelly	8	7	5	5
	Luna	0	0	0	0
	Kika	8	-	-	-
2ª	Sadã	8	8	7	6
	Mel	8	7	6	5
	Bob	3	2	1	1
	Blaylon	8	7	6	4
	Doby	8	7	6	5
	Lord Slash	0	0	0	0
3ª	Meg	5	3	2	2
	Hanna	9	7	6	5
	TK	8	7	6	4
	Maximus	0	0	0	0
	Patcha	9	5	4	2
	George	8	6	4	2
4ª	Bandit	4	3	2	1
	Schin	-	10	6	3
	Preta Maria	0	0	0	0
	Buana	3	2	0	0
Valor Médio		5,04	4,40	3,40	2,63
Valor mínimo-máximo		0-9	0-10	0-7	0-6

Obs – (-) não compareceu

#### **5.4 Idade de socialização**

O período de socialização começa a partir da 3ª semana de vida como visto anteriormente, os filhotes são adquiridos por seus proprietários com aproximadamente 45 a 60 dias de vida. Alguns são levados ao veterinário imediatamente, outros somente quando apresentam algum problema ou quando está na data da vacinação. Isso dificultou um pouco a seleção dos filhotes para a aula. Segundo OVERALL, 1997, a idade ideal seria de 2 a 5 meses para as aulas de socialização, mas isso não foi possível, tivemos que adaptar a escola de socialização a realidade brasileira e adotamos o seguinte critério: cães com 2 doses de vacina octupla pelo menos, e que tenham passado por uma consulta por veterinários da clínica montese. Para comparar o resultado da socialização nesta idade com cães um pouco mais velhos (6 e 7 meses), introduzimos o mesmo método na 4ª turma (Buana, Preta Maria, Schin, Bandit), e o resultado foi o mesmo encontrado nas turmas anteriores.

#### **5.5 Aspectos práticos da instalação da escola de socialização para filhotes e o decorrer das aulas.**

Ao compararmos com escolas de socialização descritas na literatura (OVERALL, 1997; LANDSBERG, G. et al., 2005), o método a que preconizado, difere por: melhor organização, local destinado especificamente para as aulas, maior periodicidade (1 vez por semana ao invés de 2 em 2 meses), incentivo e apoio de empresas interessadas no projeto.

O fato da escola se localizar dentro da clínica veterinária, traz benefícios para a equipe técnica da clínica ao permitir a interação lúdica com animais saudáveis e filhotes no ambiente onde no dia a dia é de animais em sofrimento. Para evitar doenças infecto-contagiosas, tomamos alguns cuidados com o local e toda a equipe. O espaço destinado às aulas de socialização não era usado para nenhum outro fim para não contaminá-lo, os funcionários e estagiários que participavam das aulas vinham com uniformes usados somente para as aulas.

O contato semanal com animal nesta fase permite o diagnóstico precoce de problemas médico. Na 2ª aula, TK não apresentava disposição para as brincadeiras (fig. 6), chamando a atenção do veterinário que solicitou um exame clínico e hematológico, sendo diagnosticado precocemente babesiose. A falta de disposição, dificuldade para se levantar (fig. 7), foi outro fato que chamou a atenção do veterinário durante as brincadeiras com Lord Slash, que foi encaminhado para o RX, e diagnosticado displasia coxo-femoral.



Fig. 6. TK durante a 2ª aula demonstrando falta de disposição para as brincadeiras. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 7. Lord Slash apresentando dificuldade em se levantar (3ª aula). Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.

Para explicar melhor aos proprietários sobre o que é socialização e sua importância, usamos 2 cães adultos para demonstração nas aulas, um cão adestrado e socializado (Nina-pastor alemão, fig.9), e um outro cão adestrado e não socializado (Brigh-rottweiler, fig 8).



Fig. 8. Adestradora Cássia dando os comandos para Brighth na guia. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 9 Shumi e seu proprietário interagindo com Nina. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.

Os cães filhotes e seus proprietários observavam atentamente as reações dos 2 cães enquanto a equipe técnica orientava. Cada filhote e seu proprietário interagem com Nina, o Pastor socializado.



Fig. 10 – Apresentação: os proprietários se apresentam e dizem o tipo de cão que têm, e porque têm tal cão. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.

Nesta primeira aula a apresentação dos cães e proprietários é muito importante para que comece a formar uma boa interação animal/proprietário/equipe técnica como mostra a figura 10.



Fig. 11. Apresentação dos animais: Todos os filhotes são soltos de suas guias e para correr à vontade. Pactha e Blaylon com brincadeira de monta. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende -RJ; UFRRJ 2005.

Algumas brincadeiras parecem “erradas” aos olhos dos proprietários como por exemplo à brincadeira de monta, que pode expressar um ato sexual, mas também é uma forma de expressar a liderança e dominância. Os proprietários são orientados em relação a essas diferenças, como mostra a figura 11.



Fig.12. Adestradora Cássia demonstrando comando SENTAR com Toby, usando “aperitivos” (petiscos) e sem gestos. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.

A adestradora escolhe um dos filhotes para demonstrar o comando, e pede para todos os outros proprietários fazerem o mesmo com seus cães (fig. 12).



Fig. 13. Recreio: Os animais interagem entre si e os homens sob supervisão. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.

Na primeira aula esta interação proprietário/filhote na hora das brincadeiras (fig. 13) é orientada e estimulada por toda a equipe técnica, já que na sua maioria os proprietários não sabem interagir muito bem com seus filhotes.





Fig. 14. Orientação sobre escovação de dentes, passo a passo, demonstrando sobre a mesa em Sadã, como mostra as figuras acima. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.

Cada proprietário, com seu material, observa e demonstra a escovação de dentes nos seus filhotes, para que não haja dúvidas, os filhotes são colocados um a um sobre a mesa ( fig. 14).



Fig. 15 Adestradora Cássia fazendo manipulação do corpo em Shumi, ao lado de Roberto, aluno da pós-graduação. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.

Alunos da graduação e pós-graduação da UFRRJ observavam o experimento, como mostra na fig. 15.



Fig. 16. Representante da empresa Merial orientando e explicando sobre a prevenção de ectoparasitas. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.

A participação de empresas no experimento, deu a este maior credibilidade perante aos proprietários, que no início das aulas mostravam-se intrigados com a novidade ( fig. 16).



Fig. 17 Sadã demonstrando o comando FICAR com uso de recompensa. Notar o uso do tapete para demarcar o local. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende – RJ; UFRRJ 2005.

Foi usado um tapete para cada animal, assim demarcávamos melhor o local onde cada filhote deveria ficar dando mais organização às aulas, como mostra a fig. 17.



Fig. 18. Hora de brincar, vênia de desafio (cachorra esquerda). Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.

Os cães na hora do recreio mostravam interação lúdica (fig 18), mas sempre com a equipe técnica atenta para corrigir, impor limites e orientar os proprietários de quando deveriam intervir.



Fig 19. Cafezinho para os proprietários. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.

A hora do cafezinho que era oferecido ao final de cada aula, era uma forma a mais de socialização entre os proprietários, troca de experiência, e uma forma também da equipe técnica observar a relação proprietário/filhote na hora da alimentação. Os filhotes somente se alimentavam após o término de cada aula e depois do término do cafezinho (fig 19).

Abaixo, temos algumas figuras que mostram, o decorrer das aulas:



Fig. 20. Recreio: observar que os animais de tamanho desiguais convivem sem problemas. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 21. Orientação sobre: vacinas, exames de fezes, e infestação de parasitas e sua prevenção e tratamento. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig . 22 Meg demonstrando o “junto”. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 23 . Recreio: a maioria dos animais não apresentava sinais de agressividade, nem de medo à aproximação da médica veterinária. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 24. Troca de cães entre os proprietários (Passe o cão). Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 25 Orientação sobre cuidados com a pelagem, e escovação. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 26. Informação sobre como aferir a temperatura. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 27. Demonstração o comando “deitar” com recompensa. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 28. Recreio: brincar, o uso de brinquedos ajuda a explicar o que são brincadeiras normais entre cães a seus proprietários. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 29. Término da aula. Os donos e seus animais ouvem as explicações para aulas futuras e perguntas de proprietários. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 30. Hora de brincar, sendo todos os cachorrinhos soltos. Brincadeira com balões. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 31. Revisão dos comandos “sentar”, “ficar”, “junto” e “deitar” com demonstração! Doby demonstrando o comando SENTAR com a proprietária do Sadã. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 32. Recreio: Hora de brincar sendo todos os cachorrinhos soltos, brincando de pular obstáculos. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 33. Comando “deita” longo. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 34. Recreio: todos os cachorrinhos soltos, com secador tufão ligado. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 35. Orientações sobre transporte. Informações das aulas futuras e perguntas de proprietários. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 36. Recreio: os cães brincam ao redor da mesa de atendimento veterinário, sem exibir qualquer reação de medo. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 37. Mel revisando o comando “FICAR”. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 38. Buana revisando o comando “SENTA”. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 39 Shumi revisando o comando “FICA”. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 40. Comando por gestos, com a participação da Tsu. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 41. O canino Lord Slash durante ensinar caminhar do lado esquerdo. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 42. Brincadeiras com máscaras e objetos diferentes. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 43. Brincadeiras com máscaras e objetos diferentes. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 44. Formatura da 3ª turma e entrega de diploma Pactha. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 45 Convidados para a formatura da 3ª turma. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.



Fig. 46 Formatura da 4ª turma e entrega de diploma do SCHIN. Escola de socialização da Veterinária Montese, Resende –RJ; UFRRJ 2005.

Os apoios empresariais reduzem os custos e facilitam a implantação de uma escola de socialização para filhotes como foi o caso.

## 6. CONCLUSÕES

- 6.1 Montar uma escolinha de socialização adaptada à realidade brasileira, é um trabalho viável que pode ser feito dentro de uma clínica veterinária.
- 6.2 O perfil comportamental dos filhotes caninos cujos proprietários buscam a escolinha de socialização é: agressivo por dominância, ausência de educação formal; falta de orientação dos proprietários em relação ao entendimento do comportamento canino.
- 6.3 Nos filhotes participantes da escola de socialização podem-se esperar as seguintes mudanças comportamentais: redução drástica da dominância a partir da segunda aula; redução gradual do medo, submissão e agressividade, e aumento gradual da sociabilidade.
- 6.4 A adesão dos proprietários ao processo de socialização, é de quase 100%. O curso preencheu as expectativas dos proprietários, ultrapassando em muito a mesma.
- 6.5 Nos filhotes de 3 a 7 meses o progresso e resultado obtidos com as aulas de socialização é o mesmo.

## 7. BIBLIOGRAFIA

- BEAVER, B. V.: **Comportamento Canino**, 1ª ed. Roca. São Paulo, 431 p., 2001.
- BEKOFF. M.: Social play and play soliciting by infant canids. **Journal of American Veterinary Medical Association**, v.3, n.14, p.323-328, 1974.
- BATESON, P.; MARTIN, P.: **Measuring Behaviour**, 2ª ed. Cambridge University Press. New York. 222 p., 1993.
- CAADE, Coordenadoria de Apoio e Assistência à Pessoa Deficiente, <http://www.caade.mg.gov.br/textoflavio.htm>, 15:32, 21/07/2005.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1994.
- FAGEN, R.: Animal Play Behavior. **Journal of American Veterinary Medical Association**, v.187, n. 5, p. 416-419, 1981.
- FREESMAN, D. G.; KING, J. A.; ELLIOT, O.: Critical period in the social development of dogs. **Journal of American Veterinary Medical Association**, v. 133, n. 1, p.1016-118, 1961.
- FOX, M. W.: Canine Behavior. **The Veterinay Record**, v. 75, n.38, p.998-1001, 1965.
- FOX, M. W.: COHEN, J.A.: Canid communication. **The Veterinary Clinics of North American: Small Animal Communicate**. v. 28, n.3, p.728-730, 1977.
- HUFF, P. E.: Euthanasia and animal shelters. **Journal of American Veterinary Medical Association**, v. 200, n. 3, p.221-223, 1990.

KAHLER, S.: Forum urges commitment to resolving overpopulation. **Journal of American Veterinary Medical Association**, v. 202, n. 2, p.182-183, 1993.

LANDSBERG, G. M.: The distribution of canine behavior cases at three behavior referral practices. **Veterinary Medicine**, v. 86, n.10, p. 1010-1011, 1991.

LANSBERG, G.; HUNTHAUSEN, W; ACKERMAN, L. **Problemas Comportamentais do cão e do gato**, 2ª ed. Roca. São Paulo, 492 p., 2005.

LEVINE, B. N.: Practice today: Small animal pet population trends and demands for veterinary service. **Trends Magazine**, v. 1, n 3, p.23-24, 1985.

LOCKWOOD, R.: The influence of animals on social perception. New Perspectives on Our Lives with Companion Animals. **Journal of American Veterinary Medical Association**, v. 2, n.4, p. 164, 1983.

MARKWELL, P. J.; THORNE, C. J.: Early behavioural development of dogs. **Journal Small Animal Practice**, v. 28, n. 11, p.972-984, 1987.

OVERALL, K. L.: Preventing behavior problems: Early prevention and recognition in puppies and kittens. **Purina Specialty Review of Behavioral Problems in Small Animals**, v.18, n. 2, 1992.

OVERALL, K. L.: **Clinical Behavioral Medicine For Small Animals**, 1ª ed. Mosby Inc. Missouri, 544 p., 1997.

ROSSI, A.: **Adestramento Inteligente**, 3ª ed. CMS. São Paulo, 254 p. 2000.

SCOTT, J. P.: Critical periods in behavioral development. **Journal of American Veterinary Medical Association**, v. 138. n.3, 248-255, 1962.

## **ANEXO 1 :**

### Pesquisa de Opinião 1: Início das aulas

1. Porque decidiu participar do curso?

2. Como é a sua relação com seu animal.

2.1 – Afeto:

- muito boa
- boa
- normal
- ruim
- muito ruim

2.2 – Obediência:

- muito boa
- boa
- normal
- ruim

muito ruim

2.3 – Hábitos higiênicos:

muito bom

bom

normal

ruim

muito ruim

2.4 – Alimentação:

muito boa

boa

normal

ruim

muito ruim

2.5 – Convivência com outras pessoas:

muito boa

boa

normal

ruim

muito ruim

3. Verificou alguma alteração de comportamento no animal? Qual?

4. Qual o preço que você consideraria justo pagar por aula?

5. Sua opinião sobre o que você espera do curso?

## **ANEXO 2**

### Avaliação dos resultados do curso e da validade do mesmo

1. Porque decidiu participar do curso?

2. Sua relação com seu animal:

2.1 – Afeto:

- melhorou muito
- melhorou
- permaneceu igual
- piorou
- piorou muito

2.2 – Obediência:

- melhorou muito
- melhorou
- permaneceu igual
- piorou
- piorou muito

2.3 – Hábitos higiênicos:

- melhorou muito
- melhorou
- permaneceu igual
- piorou
- piorou muito

2.4 – Alimentação:

- melhorou muito
- melhorou
- permaneceu igual
- piorou
- piorou muito

2.5 – Convivência com outras pessoas:

- melhorou muito
- melhorou
- permaneceu igual
- piorou
- piorou muito

3. Verificou alguma mudança de comportamento no animal? Qual?

4. Qual o preço que você consideraria justo pagar por aula?

5. Sua opinião sobre o curso?

6. Você recomendaria o curso para outras pessoas? Porque?

7. Sugestões:

## **ANEXO 3**

### **LITERATURA ENTREGUE AOS PROPRIETÁRIOS**

#### **APOSTILA DE SOCIALIZAÇÃO**

##### Objetivos das aulas de socialização e treinamento de filhotes

O objetivo do curso é desenvolver a relação harmônica entre cães e seus proprietários através da interação lúdica e da aplicação dos conceitos de aprendizado.

Os objetivos específicos são:

1. Socializar o filhote para que se torne um animal obediente e desejável.
2. Educar filhotes através dos comandos básicos como JUNTO, SENTA, FICA e DEITA usando reforço positivo.
3. Ensinar ao proprietário o comportamento normal do cão e como reconhecer um potencial problema de comportamento.
4. Ensinar os proprietários outros cuidados básicos como alimentação, cuidados higiênicos, uso de coleiras e guias.
5. Orientações sobre : Ritual de Boas Vindas, Transporte, Castração, Alimentação.

## LICÃO DE CASA DA 1ª SEMANA

Praticando o SENTAR e FICAR

**Dia 1** – SENTAR - OLHAR - Recompensa – FICAR – OK! (liberar) 5 X.

Fazer esta seqüência em (se possível) 5 sessões de 10 minutos durante o dia até que o cão olhe para você quando disser “OLHA” sem que você precise segurar o petisco na altura dos olhos. Quando o cão aprender a palavra “OLHA”, gradualmente (2 segs., 4 segs., 6 segs.), aumente o tempo de contato visual para 10 segundos antes de recompensar com petiscos.

**IMPORTANTE:** Você deve estar sorrindo quando o cão faz contato visual, para que a sua expressão transmita confiança e não medo.

**DIA 2-** SENTAR – OLHAR – FICAR. Coloque seu pé direito para trás e retorne no lugar em apenas um movimento. Em outras palavras, não mantenha seu pé atrás de você. Recompense – OK! (liberar) 5 X.

**LEMBRETE:** Seu filhote deve estar mantendo contato visual o tempo todo.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Coloque seu pé direito para trás e segure por 2 segundos. Retorne o pé direito para a posição inicial, Recompense – OK! (libere), repetir 3 X.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Coloque seu pé direito para trás e retorne a posição inicial sem segurá-lo para trás. Recompense – OK! (libere), repetir 3 X.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Coloque seu pé direito para trás, depois seu pé esquerdo, ficando um passo à trás por 2 segundos; retorne a posição inicial. Recompense – OK! (libere), repetir 5X. Se seu filhote parece estar bom neste exercício, mude dando o passo em ângulos diferentes movendo ou o pé direito ou o esquerdo primeiro.

Repita está seqüência com todas as repetições 3 a 4 vezes durante o dia.

**DIA 3** – Aqueça o seu filhote fazendo a seqüência do dia 2, sem as repetições.

RELEMBRAR: Seu filhote deve estar mantendo o contato visual o tempo todo.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Coloque seu pé direito para trás, depois seu pé esquerdo, ficando um passo a trás por 5 segundos; retorne a posição inicial. Recompense; repetir 5X libere – OK! Repetir 3X. Se seu filhote parece estar bom neste exercício, mude dando o passo em ângulos diferentes movendo ou o pé direito ou o esquerdo primeiro.

SENTAR – OLHAR - FICAR. Dê dois passos para trás, pare por 2 segundos; retorne; recompense; repetir 5X; libere – OK! Repetir 3X. Se seu filhote parece estar bom neste exercício, mude dando passo em ângulos diferentes movendo ou o pé direito ou esquerdo primeiro, relembrar: seu filhote deve estar mantendo contato visual o tempo todo.

Repetir esta seqüência com todas as repetições 3 ou 4 vezes durante o dia.

**Dia 4** – Aqueça o seu filhote fazendo a seqüência do dia 1 (não do dia 3).

SENTAR – OLHAR – FICAR. Dê um passo para frente à direita de seu filhote e retorne sem parar, recompense repetir 5X, libere – OK! Repetir 3X. É bom se seu filhote vire a cabeça na direção que você vá, mas não tem que manter o contato visual. Contudo, deve retomar o contato visual assim que você retornar a posição original. Você talvez precise ajudar dizendo OLHA antes de recompensá-lo.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Dê um passo para frente à esquerda de seu filhote e retorne sem parar; recompense. Repetir 5X libere – OK! Repetir 3X.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Dê um passo para frente à esquerda de seu filhote e pare por 2 segundos, retorne, recompense. Repetir 5x LIBERE – OK! Repetir 3X.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Dê um passo para frente à direita de seu filhote e pare por 2 segundos, retorne, recompense. Repetir 5X libere – OK! Repetir 3X.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Vá para a direita e de uma volta ao redor de seu filhote, recompense. Relembrar: seu filhote deve estar mantendo contato visual quando você retornar. Repetir 5X, libere – OK! Repetir 3X.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Vá para a esquerda e de uma volta ao redor de seu filhote, recompense. Relembrar: Seu filhote deve estar mantendo contato visual quando você retornar. Repetir 5X, libere – OK! Repetir 3X. Repita esta sequência com todas as repetições 3 a 4 vezes durante o dia. Se seu filhote levantar quando você sair do campo visual dele, preste atenção a que ponto você está, quando o comando é quebrado, e retorne ao começo antes de chegar naquele ponto. Assim fazendo a confiança de seu filhote aumentará, e após algumas repetições, tente ir mais longe.

**Dia 5** – Aqueça seu filhote fazendo os exercícios do dia 4 sem repetições.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Dê dois passos para trás, pare por 2 segundos, retorne, recompense. Repetir 5X, libere – OK! Repetir 3X.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Dê dois passos para trás, e depois volte para à esquerda mas agora dando uma volta maior ao redor de seu cão, Recompense. Relembrar: Seu filhote deve estar mantendo contato visual quando você retornar. Recompense. Relembrar: Seu filhote deve estar mantendo contato visual quando você retornar. Repetir 5X, libere – OK! Repetir 3X.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Dê dois passos para trás e depois volte para à direita mas agora dando uma volta maior ao redor de seu cão, recompense. Relembrar: seu filhote deve estar mantendo contato visual quando você retornar. Repetir 5X, libere – OK! Repetir 3X.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Dê dois passos para trás e corra no lugar por 5 segundos, pare. Recompense. Repetir 5X, libere – OK! Repetir 3X. Se seu filhote parece estar bom neste exercício, mude dando um passo em ângulo diferente começando tanto com o pé direito quanto com o pé esquerdo.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Dê cinco passos para trás e corra no lugar por 5 segundos, pare. Recompense. Repetir 5X, libere – OK! Repetir 3X. Se seu filhote parece estar bom neste exercício, mude dando um passo em ângulo diferente começando tanto com o pé direito quanto o pé esquerdo. Repita esta seqüência com todas as repetições 3 ou 4 vezes durante o dia.

**Dia 6** – Aqueça seu filhote fazendo os exercícios do dia 5 sem repetições.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Dê dez passos para trás e volte sem parar. Recompense. Repetir 5X, libere – OK! Repetir 3X. Se seu filhote parece estar bom neste exercício, mude dando um passo em ângulo diferente começando tanto com o pé direito quanto com o pé esquerdo.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Dê dez passos para trás e pare por 5 segundos, retorne. Recompense. Repetir 5X, libere – OK! Repetir 3X. Se seu filhote parece estar bom neste exercício, mude dando um passo em ângulo diferente começando tanto com o pé direito quanto o pé esquerdo.

SENTAR – OLHAR – FICAR. Ande ao redor da sala por 10 segundos e retorne. Recompense. Relembrar: Seu filhote deve estar mantendo contato visual

quando você retornar. Repetir 5X, libere – OK! Repetir 3X. Repita esta sequência com todas as repetições 3 ou 4 vezes durante o dia.

#### PRATICANDO O COMANDO DEITAR:

Duas ou três vezes ao dia, quando seu filhote estiver cansado, sente no chão e diga DEEIIIIIIITA (longo) como aprendeu na aula. Tenha certeza que seu filhote se vire de um lado do quadril como foi mostrado na aula. Passe a mão em seu filhote vagarosamente para ajudá-lo a relaxar. Não de o comando FICA (ele está aprendendo o FICAR com SENTAR e isso será adicionado mais tarde). Se seu filhote levantar, gentilmente dê o comando novamente. Fique sentado com seu filhote por 5 minutos. Se seu filhote dormir, gentilmente o acorde para que você possa liberá-lo do comando DEITAR. Após alguns dias quando seu filhote já puder deitar quieto por 5 minutos, gradualmente aumente o tempo, mas não passe de 10 minutos.

## FOLHA DE ACOMPANHAMENTO

Primeira semana:

Objetivo: SENTAR – OLHAR – FICAR

Dia 1:

Dar o comando SENTA, aguardar contato visual e liberar dizendo Ok. Não demorar a dar os comandos neste primeiro dia.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						
Olhar						
Fica						

Dia 2:

Dar o comando SENTA, OLHA e FICA.

Sempre sorria quando o filhote estiver fazendo contato visual.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						
Olhar						
Fica						

Dia 3:

Dar o comando SENTA, OLHA e FICA.

Não esqueça de aquecer seu filhote fazendo a seqüência do dia 2, sem repetições.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						
Olhar						
Fica						

Dia 4:

Dar o comando SENTA, OLHA e FICA.

Aqueça o seu filhote fazendo a seqüência do dia 1.

Nunca esqueça de liberar eu filhote “Ok”! e recompense.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						

Olhar						
Fica						

Dia 5:

Dar o comando SENTA, OLHA e FICA.

Aqueça seu filhote fazendo os exercícios do dia 4 sem repetições.

Sempre sorria quando o filhote estiver fazendo contato visual.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						
Olhar						
Fica						

Dia 6:

Dar o comando SENTA, OLHA e FICA.

Aqueça seu filhote fazendo os exercícios do dia 5 sem repetições.

Sempre sorria quando o filhote estiver fazendo contato visual.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						
Olhar						
Fica						

## LICÃO DE CASA DA SEGUNDA SEMANA

Praticando JUNTO (não dê os comandos SENTAR – OLHAR – FICAR)

**Dia 1** – Se você precisar, pratique seus passos sem o cão algumas vezes. Faça este exercício com água para que você consiga puxar seu cão se ele não afastar quando você afastar.

JUNTO (espere). Dê dois passos para trás – SENTA – OLHA. Recompense. Não diga para ficar, repita 3 x OK!

JUNTO (espere). Dê dois passos para trás e para direita – SENTA – OLHA. Recompense.

JUNTO (espere). Dê dois passos para trás e para direita – SENTA – OLHA. Recompense.

JUNTO (espere). Dê dois passos para trás e para direita – SENTA – OLHA. Recompense.

JUNTO (espere). Dê dois passos para trás e para direita – SENTA – OLHA. Recompense.

OK! Que cãozinho bonitinho! Você acabou de fazer um quadrado.

Agora pratique JUNTO fazendo um quadrado para a esquerda. Pratique estes exercícios 3 ou 4 vezes dentro de casa. LEMBRETE: Você quer que seu filhote tenha sucesso; fazendo estes exercícios em área aberta, significa muitas distrações agora no começo. Espere até o quinto dia.

**Dia 2** – Aqueça seu filhote fazendo qualquer dos exercícios do dia 1.

Agora refaça os exercícios de dia 1 sem a guia. Se seu filhote não responder, recoloque a guia.

**Dia 3** – Aqueça seu filhote fazendo qualquer dos exercícios do dia 1.

Consiga pelo menos outra pessoa para te ajudar. Afaste-se uns dez passos de seu filhote, a outra pessoa fica com o filhote. Você chama seu filhote, JUNTO – SENTA – OLHA. Recompense – OK! Está tudo bem se o filhote dispersar um pouco após ser liberado. Mesmo porque não lhe foi dado nenhum comando. A outra pessoa deve simplesmente chamar o cão antes que ele tenha se distanciado muito. Repita 3 ou 4 vezes. NÃO MUITO!

Tente praticar pelo menos 2 vezes ao dia com intervalos de no mínimo 30 minutos.

**Dia 4** – Em horários do dia diferentes quando seu filhote estiver simplesmente andando pela casa não focado em alguma coisa em particular, chame-o, JUNTO – SENTA – OLHA. Recompense – OK! LEMBRETE: Você quer que seu filhote tenha sucesso. Não chame seu filhote se ele estiver dormindo ou brincando intensamente.

**Dia 5** – Faça os exercícios do dia 1 em área aberta se não estiver muito frio ou escorregadio. Se assim for, faça os exercícios em outros cômodos da casa.

**Dia 6** – Faça os exercícios do dia 3 em área aberta, SOMENTE se você estiver em área cercada. Se não, faça-os em casa novamente.

Praticando SENTAR e FICAR:

Todo o dia, selecione diferentes exercícios do dia 1 e faça-os, tente fazê-los do lado de fora se tiver uma área cercada.

Praticando DEITAR:

Todo o dia sente no chão e diga DEEEIIIIIIITA. Recompense, acaricie seu filhote com passadas longas e vagarosas e pare gradualmente. Sente-se com seu

filhote sem acariciá-lo e sem recompensá-lo com comida. Você pode dizer a ele que está fazendo certo, mas não o deixe excitado. Fique sentado com seu filhote por 15 minutos. Se ele levantar, dê o comando novamente, mas NÃO o recompense com comida, apenas o recompense verbalmente. Não passe a mão no filhote a não ser que ele pareça estar tenso. Após 15 minutos libere com OK! Antes que você se levante.

LEMBRETE: Todos os dias, 24 horas, faça com que seu filhote sente para comer ou para ganhar atenção, encorajando respeito.

## FOLHA DE ACOMPANHAMENTO

Segunda semana:

Objetivo: SENTAR - FICAR - DEITAR – AQUI - JUNTO

Dia 1: Use a guia! Antes de começar com o seu cão, pratique seus passos sem o seu cão.

Dar o comando: JUNTO – SENTA – OLHA, recompense, OK! Libere.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						
Ficar						
Junto						
Olhar						

Dia 2: Aqueça seu filhote fazendo os exercícios do dia 1.

Agora os refaça sem guia.

Dar o comando: JUNTO – SENTA – OLHA, recompense, OK! Libere.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						
Junto						
Olhar						

Dia 3: Você precisa de mais uma pessoa para te ajudar.

Antes de começar com o seu cão, pratique seus passos sem seu cão.

Dar o comando: JUNTO – SENTA – OLHA, recompense, OK! Libere.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						
Olhar						
Junto						

Dia 4: Nunca dê os comandos se seu cão estiver dormindo ou brincando!

Dar o comando: JUNTO – SENTA – OLHA, recompense, OK! Libere.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						

Olhar						
Junto						

Dia 5: Faça os exercícios do dia 1, mas em área aberta (cercada) se não estiver chovendo ou escorregadio!

Dar o comando: JUNTO – SENTA – OLHA, recompense, OK! Libere.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						
Olhar						
Junto						

Dia 6: Faça os exercícios do dia 3 em área aberta, somente se for cercada!

Dar o comando: JUNTO – SENTA – OLHA, recompense, OK! Libere.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						
Olhar						
Junto						

## LICÃO DE CASA DA TERCEIRA SEMANA

### Praticando DEITA e FICA:

Ao invés de sentar no chão com seu filhote, apenas incline-se e comande DEEIIIIITA. Diga para ele FICAR e recompense freqüentemente. Quando o cão puder ficar por 10 segundos com você em pé na frente dele, comece a se distanciar como você fez nos exercícios de SENTAR – OLHAR – FICAR.

Continue até o ponto em que o seu filhote consiga ter sucesso. Não tente várias vezes nem muito rápido.

LEMBRETE: Libere o seu cão com OK! Não vá confundi-lo e ensiná-lo a quebrar o comando FICA por esquecer de liberá-lo com OK! Nunca peça para que ele execute outro comando antes de liberá-lo do FICA. É mais difícil para o cão olhar você quando deitado, contudo, deve estar prestando atenção; não cheirando os lugares ou olhando para todos os lados. Mantenha o cão prestando atenção, conversando com ele, dizendo FICA e BOM MENINO.

### Praticando andar na guia:

Use o comando VAMOS ao invés de JUNTO. Use POR AQUI para mudar a direção. Leve com você biscoitos para praticar SENTA – OLHA – FICA, todas as vezes que você parar ( por exemplo em uma esquina).

LEMBRETE: Libere seu cão com OK!

### Praticando SENTAR – OLHAR – FICAR:

Todo o dia, selecione diferentes exercícios da semana 1 e faça-os, tente fazê-los do lado de fora se tiver uma área cercada.

Praticando JUNTO – SENTA:

Todo o dia, selecione diferentes exercícios da semana 2 e faça. Adicione JUNTO e SENTA as suas caminhadas diárias com guia, como foi ensinado na aula.

Praticando DEITA para períodos mais longos:

Todo o dia sente no chão e diga DEEIIIIITA, recompense, acaricie seu filhote com passadas longas e vagarosas e pare gradualmente. Sente-se com seu filhote sem acariciá-lo e sem recompensá-lo com petisco. Você pode dizer a ele que está fazendo certo, mas não o deixe excitado. Fique sentado com seu filhote por 15 segundos. Se ele levantar, dê o comando novamente, mas NÃO recompense com comida, apenas recompense verbalmente. Não passe a mão no filhote a não ser que ele pareça estar tenso. Após 15 segundos libere com OK! antes que você se levante. Pratique pelo menos 1 vez ao dia, 2 vezes seria melhor. Varie a quantidade de tempo, às vezes 10 segundos, as vezes 20 segundos.

LEMBRETE: Todos os dias por 24 horas: Toda atenção tem que ser conquistada. Pratique o protocolo de respeito.

**BOA SORTE E LEMBRE-SE:**

Se seu filhote não atender o comando à primeira vez, não significa que ele é surdo, então não grite. Desenvolva sua paciência.

## FOLHA DE ACOMPANHAMENTO

Terceira semana:

Objetivo: DEITA – FICA – OK!

Dia 1: Não esqueça de liberar seu cão do FICA antes de lhe dar outro comando.

Dar os comandos: DEITAR – FICAR – OK!

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Deita						
Olhar						
Deitar						
Liberar						

Dia 2: Não é fácil para seu cão olhar para você quando está deitado, mas ele tem que estar prestando atenção.

Dar os comandos: DEITAR – FICAR – OK.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Deita						
Olhar						
Deitar						
Liberar						

Dia 3: Recompense e sorria, seu cão confiará mais em você.

Dar os comandos DEITAR – FICAR – OK!.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Deita						
Olhar						
Deitar						
Liberar						

Dia 4: Todos os dias, 24 horas, faça com que seu cão trabalhe para conseguir o que ele quer. Atenção, ração ou petisco.

Dar os comandos DEITAR – FICAR – OK!

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Deita						

Olhar						
Deitar						
Liberar						

Dia 5: Lembre-se, você recebe se trabalhar, com seu animal é a mesma coisa.

Dar os comandos DEITAR – FICAR – OK!

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Deita						
Olhar						
Deitar						
Liberar						

Dia 6: Nunca abuse fisicamente de seu animal por não obedecer, é mais fácil seu comando estar confuso do que seu cão não querer lhe satisfazer.

Dar os comandos DEITAR – FICAR – OK!

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Deita						
Olhar						
Deitar						
Liberar						

## LICÃO DE CASA PARA A QUARTA SEMANA

Praticando SENTAR, FICAR, DEITAR, AQUI e JUNTO com gestos.

Inicie dizendo o comando e fazendo o gesto até que seu cão se acostume com o gesto. Após algumas sessões, somente use o gesto.

**Dia 1 – SENTAR**

**Dia 2 – FICAR**

**Dia 3 – DEITAR**

**Dia 4 – AQUI**

**Dia 5 – JUNTO**

**Dia 6 – Alternar os comandos, SENTAR – FICAR – DEITAR – AQUI – JUNTO.**

Praticando andar com guia:

Não esqueça de sempre colocar o filhote do seu lado esquerdo!  
E lembre-se de que ainda se trata de um filhote e não arraste seu cão.

BOA SORTE E NÃO ESQUEÇA DA CERIMÔNIA DE FORMATURA  
NA SEMANA QUE VEM!

## FOLHA DE ACOMPANHAMENTO

Objetivo: SENTAR - FICAR - DEITAR – AQUI - JUNTO

Dia 1: Use a guia! Antes de começar com o seu cão, pratique seus passos sem o seu cão. Dar o comando: SENTA com gesto e voz e liberar dizendo OK!

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						
Olhar						
Liberar						

Dia 2: Dar o comando SENTA e FICA com gesto e voz e liberar dizendo OK!

Sempre sorria quando o filhote estiver fazendo contato visual.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						
Olhar						
Fica						
Liberar						

Dia 3: Dar o comando SENTA, DEITA e FICA com gesto e voz e liberar dizendo OK! Não esqueça de aquecer seu filhote fazendo a seqüência dos dias anteriores.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						
Olhar						
Fica						
Deita						
Liberar						

Dia 4: Dar o comando SENTAR, SENTAR, DEITA, FICA e AQUI com gesto e voz. Faça sempre muita festa quando o cão consegue fazer os comandos com sucesso. Não esqueça de liberar no OK! E recompense.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						
Olhar						
Fica						
Deita						
Aqui						
Liberar						

Dia 5: Aqueça seu filhote fazendo os exercícios do dia 4 sem repetições.

Repita os comandos do dia anterior.

Comando	1	2	3	4	5	Comentários
Sentar						
Olhar						
Fica						
Deita						
Aqui						
Liberar						

Dia 6 : Revise os comandos aprendidos.

## ANEXO 4

### **Anexo 4.1- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Tsu, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	2	3	4	5
Agressividade	7	6	5	5
Submissão	0	0	0	0
Medo	0	0	0	0
Dominância	6	6	5	5

Obs: Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

### **Anexo 4.2- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Pandora, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	2	3	5	5
Agressividade	0	0	0	0
Submissão	8	6	5	4
Medo	8	7	6	4
Dominância	3	2	2	2

Obs: Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

### **Anexo 4.3- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Argus, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	8	9	9	9
Agressividade	0	0	0	0
Submissão	0	0	0	0
Medo	2	1	1	1
Dominância	2	1	1	1

Obs: Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

**Anexo 4.4- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Shumi, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	4	5	5	7
Agressividade	8	6	5	4
Submissão	0	0	0	0
Medo	0	0	0	0
Dominância	8	7	6	5

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

**Anexo 4.5- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Kelly, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	1	2	4	6
Agressividade	8	7	4	3
Submissão	0	0	0	0
Medo	0	0	0	0
Dominância	8	7	5	5

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

**Anexo 4.6- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Luna, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	7	7	8	9
Agressividade	2	1	1	1
Submissão	8	4	3	2
Medo	8	7	5	3
Dominância	0	0	0	0

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

**Anexo 4.7- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Kika, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	10	-	-	-
Agressividade	0	-	-	-
Submissão	0	-	-	-
Medo	0	-	-	-
Dominância	8	-	-	-

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

## **2ª TURMA**

**Anexo 4.8- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Sadã, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	3	4	5	7
Agressividade	8	7	6	4
Submissão	0	0	0	0
Medo	1	1	1	1
Dominância	8	8	7	6

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

**Anexo 4.9- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Mel, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	8	8	8	8
Agressividade	0	0	0	0
Submissão	0	0	0	0
Medo	0	0	0	0
Dominância	8	7	6	5

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

**Anexo 4.10- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Bob, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	2	3	4	6
Agressividade	0	0	0	0
Submissão	8	7	6	4
Medo	8	7	6	5
Dominância	3	2	1	1

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

**Anexo 4.11- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Blaylon, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	5	5	6	7
Agressividade	7	5	4	3
Submissão	0	0	0	0
Medo	0	0	0	0
Dominância	8	7	6	4

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

**Anexo 4.12- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Doby, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	9	9	9	9
Agressividade	0	0	0	0
Submissão	0	0	0	0
Medo	0	0	0	0
Dominância	8	7	6	5

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

**Anexo 4.13- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Lord Slash, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	5	6	8	8
Agressividade	0	0	0	0
Submissão	5	4	3	2
Medo	2	2	1	1
Dominância	0	0	0	0

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

### **3ª TURMA**

**Anexo 4.14- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Meg, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	3	5	6	8
Agressividade	0	0	0	0
Submissão	5	4	1	0
Medo	8	6	4	2
Dominância	5*	3	2	2

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

**Anexo 4.15- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Hanna, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	5	6	7	7
Agressividade	7	4	3	2
Submissão	0	0	0	0
Medo	0	0	0	0
Dominância	9	7	6	5

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

**Anexo 4.16- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Tk, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	2	4	6	8
Agressividade	8	7	4	2
Submissão	0	0	0	0
Medo	2	1	1	1
Dominância	8	7	6	4

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

**Anexo 4.17- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Maximus, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	9	9	9	9
Agressividade	0	0	0	0
Submissão	0	0	0	0
Medo	2	2	1	0
Dominância	0	0	0	0

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

**Anexo 4.18- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Patcha, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	9	9	9	9
Agressividade	3	2	1	0
Submissão	0	0	0	0
Medo	0	0	0	0
Dominância	9*	5	4	2

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).\* com proprietário

**Anexo 4.19- Quantificação das características individuais subjetivas do animal George, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	7	7	8	9
Agressividade	0	0	0	0
Submissão	0	0	0	0
Medo	3	2	1	1
Dominância	8	6	4	2

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

#### **4ª TURMA**

**Anexo 4.20- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Bandit, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	2	6	7	8
Agressividade	0	0	0	0
Submissão	5	3	2	1
Medo	4	2	1	1
Dominância	4*	3	2	1

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

**Anexo 4.21- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Schin, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	-	0	6	8
Agressividade	-	8	2	1
Submissão	-	0	0	0
Medo	-	8	2	1
Dominância	-	10	6	8

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

**Anexo 4.22- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Preta Maria, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	4	6	7	8
Agressividade	0	0	0	0
Submissão	7	5	4	2
Medo	8	7*	5	3
Dominância	0	0	0	0

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).\*medo de cães maiores e balão

**Anexo 4.23- Quantificação das características individuais subjetivas do animal Buana, durante o curso de socialização realizado em Resende-RJ, 2003. UFRRJ, 2005.**

<b>Característica</b>	<b>1ª aula</b>	<b>2ª aula</b>	<b>3ª aula</b>	<b>4ª aula</b>
Sociabilidade	6	7	8	9
Agressividade	0	0	0	0
Submissão	4	3	2	1
Medo	1	1	0	0
Dominância	3	2	0	0

**Obs:** Sociabilidade (0-não sociável; 10-muito sociável); Agressividade (0-não agressivo; 10-muito agressivo); Submissão (0-não submisso; 10-muito submisso); Medo (0-sem medo; 10-muito medo); Dominância (0-não dominante; 10-muito dominante).

